



1290001189



FE

TCC/UNICAMP P454e

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

***ESTUDO SOBRE OS CONTEXTOS SOCIAIS EM
QUE SE FORMAM OS LEITORES***

2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2004025722

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

***ESTUDO SOBRE OS CONTEXTOS SOCIAIS EM
QUE SE FORMAM OS LEITORES***

ANDRÉIA PETTIROSSI
ORIENTADOR PROF. DR. GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

2003

© by Andréia Pettirossi, 2003.

UNIDADE.....FE.....
Nº CHAMADA: TEC.unicamp P454e
V:.....EX.....
TOMBO: 1189
PROC: 117/04
C:.....D: X.....
PREÇO: 11,00
DATA: 17/02/04
Nº CPD: 117/04 254

Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

P454e	Pettirossi, Andréia. Estudo sobre os contextos sociais em que se formam os leitores / Andréia Pettirossi. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.
	Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Leitura. 2. Contexto (Linguística). 3. Interesses na leitura. 4. Informantes. 5. Leitura – Condições sociais. 1. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	03-0207-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que concedeu-me saúde para realizar e concluir a graduação.

Ao orientador Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado que ajudou-me nas reflexões durante a estruturação do mesmo.

À segunda leitora Luciane Ribeiro Vilela que prontamente atendeu o meu pedido de ler e contribuir com ricas reflexões.

A toda minha família, em especial aos meus pais Irineu e Maria Jandira que sempre me apoiaram e incentivaram, e meu noivo Vinicius pela paciência, apoio, incentivos e boas idéias que ajudaram a enriquecer o meu trabalho.

A todos(as) alunos(as) da graduação, principalmente as turmas de Pedagogia 2003, diurno, noturno e Pefopex que colaboraram em responder os questionários aplicados que foram fonte de dados desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
QUADRO TEÓRICO	2
METODOLOGIA	12
ANÁLISE DOS DADOS	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXO	47

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir sobre o tema os contextos sociais em que se formam os leitores, ou seja, com que intensidade a família, a biblioteca, os amigos, a escola, a igreja, entre outros, influenciaram na formação do leitor em nossa sociedade. Procuo descrever com quais dessas fontes escritas os indivíduos interagem na sua formação de leitor, ou seja, com quais dessas fontes ele faz uso e com que intensidade os contextos sociais interferem, ou não, na sua formação.

A relevância deste tema é fundamental, pois todo indivíduo que é impossibilitado de ler fica excluído de uma forma de comunicação capaz de inseri-lo na cultura letrada, ou seja, ele é colocado à margem da sociedade da informação.

A presente pesquisa vêm demonstrar que outros ambientes além da escola formam leitores mas, não há ênfase nesses contextos. No entanto a partir da década de 90 com a prática do COLE (Congresso de Leitura), esta visão vem sendo refletida. De acordo com Ferreira(2003):

“Eles, os Coles, enfatizam uma perspectiva de trabalho com a afirmação de que são muitos e diversos os leitores. Estes têm múltiplas razões para ler, lêem em diferentes espaços com diversos gestos, lêem de vários modos realizando práticas circunscritas em torno de objetos distintos.” Ferreira (2003 p.14)

Atualmente, já se considera a leitura como um tema de fundamental importância para a vida do sujeito, e os contextos de sua produção. Assim a leitura, em si reflete a expectativa de uma educação que de fato vá ao encontro com os anseios de uma sociedade que necessita de uma demanda de leitores críticos de seu tempo.

Para refletir sobre a questão acima apresentada, buscarei autores para problematizar a situação de leitura que ocorre em nosso país, construindo assim, o objeto de pesquisa.

QUADRO TEÓRICO

Inicialmente é importante explicitar certos conceitos e definições que foram utilizados na pesquisa, como: alfabetismo, analfabetismo, alfabetizado, analfabeto, letramento, letrado e iletrado.

De acordo com Soares, que buscou essas definições em dicionários e em livros:

(...) "alfabetismo, estado ou qualidade de alfabetizado; (...) alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; (...) analfabetismo estado ou condição de analfabeto; (...) analfabeto é aquele que não sabe ler ou escrever, (...) letrado é aquele versado em letras, erudito; (...) iletrado que não tem conhecimentos literários, que não é erudito, analfabeto ou quase analfabeto. (Soares,1999;p.19)

Estas definições são importantes, para elucidar-nos o objetivo central da leitura e seus usos, pois em nossa sociedade moderna não cabe indivíduos que não sejam sujeitos letrados, ou seja, sujeitos históricos, que saibam mais do que decodificar símbolos na leitura, saber ler e escrever de acordo com a definição acima, e tenha consciência sim que a leitura proporciona uma inserção em uma forma de comunicação fundamental para a vida do homem, a linguagem escrita.

A autora discorre sobre todas essas definições para buscar historicamente o significado do termo letramento, pois as sociedades perceberam que formar apenas indivíduos capazes de ler e escrever já não contemplava a necessidade de formar cidadãos com condições intelectuais de participar como sujeitos históricos da vida social.

De acordo com Soares (1999), anteriormente o termo analfabetismo designava não apenas os indivíduos que não dispunham da tecnologia de ler e escrever, mas também aqueles que não tinham acesso aos bens culturais das sociedades letradas. Consistia como preocupação maior, justamente a condição e conseqüência do ser analfabeto. Contudo sabemos que historicamente as preocupações de cada sociedade mudam, e foi necessário mudar o foco de importância e designar os aspectos de um novo tema, letramento. Devido a recente necessidade imposta pela realidade social, na qual não bastava apenas saber ler e

escrever mas, era preciso também fazer uso adequado do ler e do escrever, respondendo as exigências de leitura e escrita praticadas pela sociedade.

A origem da palavra letramento vem da língua inglesa, e surgiu no fim do século XIX, na Grã-Bretanha, de acordo com Soares (1999)

“Certamente o surgimento neste momento do termo literacy representa uma mudança histórica das práticas sociais: novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita, exigiram uma nova palavra para designá-las.”(Soares, 1999; p.21)

Já no Brasil esta preocupação ocorreu um século mais tarde, no fim do século XX, quando foi necessário à esta demandas não apenas decodificar mas sim saber fazer uso da leitura e da escrita para sua formação enquanto indivíduo social.

A palavra letramento se tornou necessária, pois era preciso nomear um novo fenômeno. Para tanto Soares (1999) explicita este novo fenômeno:

“À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que o número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita, um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam - aprender a ler e a escrever - mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competências para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, numa conta de luz, numa bula de remédio... Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas,

intensas e variadas práticas de leitura e escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento.” (Soares, 1999; p.45)

Outra autora que nos revela aspectos importantes, e uma nova ótica sobre como o discurso pedagógico e a tradição letrada percebem a leitura é Ferreira (2003):

“A questão que se levanta, contudo, é se a representação do que seja leitura no discurso pedagógico não está ofuscando o fato de que a gente lê sim, lê mais do que se supõe, mas talvez não leia aquilo que a tradição letrada considera importante.” (Ferreira, 2003; p. 15)

Para esta autora as pessoas lêem sim e a todo momento, no entanto, não é aquilo que o discurso pedagógico ou a tradição letrada consideram importante, de certa medida não podemos nos esquecer que esta afirmação é verdadeira, pois também afirmamos a todo momento que usamos a leitura para tudo. Mas quando nos é perguntado sobre o que e quanto lemos paramos para pensar antes de responder, percebe-se então que já temos uma concepção que nem tudo é considerado leitura, não entrando no mérito da qualidade do que se é lido.

Devemos assim refletir sobre: *Que caminhos nós fazemos do mundo da leitura para a leitura do mundo? Será que somente a escola é capaz de formar leitores?* Esta pesquisa tem a intenção de demonstrar que a escola em parceria com outros contextos contribui para que essa formação aconteça, pois Ferreira (2003), revela que há uma cultura de leitura, mas talvez não seja aquela considerada relevante.

As reflexões sobre esta pesquisa tiveram início quando iniciei uma retrospectiva de minha constituição como leitora. Questionei-me até que ponto a minha formação como leitora se originou na escola e em outras áreas da minha vivência.

Descobri que no meu caso a escola teve grande importância, pois desde as séries iniciais era incentivada a ler, levando materiais escritos para fazer a leitura em casa, no entanto, os livros, depois de lidos, deveriam ter seus conteúdos expostos para sala de aula. Isto fez com que naquela época, me desinteressasse pela leitura, mesmo que a minha família me presenteasse com livros e houvesse a convivência com as irmãs mais velhas, percebendo em suas atitudes um comportamento leitor.

Para trazer contribuições relacionadas a este tema o autor Geraldi (1984), escreve sobre a formação do leitor e revela que se deve respeitar um indivíduo reconhecendo as caminhadas de leituras percorridas por este, e além disso, como essa leitura foi incentivada e realizada.

Na sua obra Geraldi (1984) retrata estudos que afirmam quando o professor indica os livros, na maioria das vezes, simultaneamente o aluno deve responder a uma ficha de leitura, prova, ou algo do gênero. Desta maneira a leitura se torna pretexto para outra atividade e se perde no objetivo didático avaliativo, não considerando a leitura para fruição ou ainda para incentivar o gosto pela mesma. Isto torna a leitura uma obrigação e o aluno por sua vez se torna desestimulado.

Sendo o professor o único referencial para indicações de leituras corre-se o risco desse transformar-se em um informante centralizador de leitura no sentido de não dar liberdade ao indivíduo, para que ele por si mesmo possa escolher suas leituras, ou ainda optar por leituras indicadas por outros informantes, tais como amigos, pais, etc. Tendo o professor como justificativa uma suposta preocupação em indicar ao aluno uma boa leitura, com livros os quais acredita serem ideal ao seu gênero.

Geraldi (1984) expõe sobre o interessante circuito que o livro faz fora da escola e as relações sociais que perpassam esses circuitos:

“Parece-me que os livros fazem, fora da escola, um circuito que passa por relações de vários tipos que mantemos com diferentes pessoas. Nenhum não-profissional da linguagem lê um romance, por exemplo, por

obrigação. Creio que a saída prática do professor de Língua Portuguesa é criar este mesmo circuito entre seus alunos, deixando-os ler livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc.” (Geraldi, 1984; p.87)

Como o ambiente escolar se torna autoritário no que se refere ao trabalho com a leitura (fichas avaliativas), os alunos passam a buscar a leitura em outros contextos. Seja no contato com outros leitores, em bibliotecas, igreja, banca de jornal, entre outros, encontrando neste o prazer da leitura que lhe fora castrado no ambiente escolar.

Segundo Foucambert (1994), revela a leitura como uma ato e este vai além de simplesmente proporcionar a interpretação do que se está escrito e sim um questionamento do mundo e suas múltiplas relações que podem ser estabelecidas com sua vida:

“Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.” (Foucambert , 1999; p.5)

Assim sendo, remete-nos novamente ao termo letramento. Onde, o leitor apropria-se do uso do ler e do escrever, como um ato e não mera decodificação, estando apto a satisfazer as demandas sociais necessárias neste processo.

Assim, atualmente, será que nossos leitores são capazes de interagir com o que lêem? Ou seja, são letrados? Ou então apenas decodificam signos lingüísticos? Em quais contextos sociais se formam estes leitores? Que culturas de leitura possuem? Assim, com que fontes escritas esses indivíduos interagem, e qual a relação dessa interação com a formação deste indivíduo leitor?

“Contrariamente as idéias preestabelecidas, não é uma dificuldade no desenvolvimento das técnicas de uso da escrita o que

caracteriza um não-leitor, mas a falta de motivos para utilizá-la pelo o que ela realmente é. O não-leitor é excluído das redes de comunicação escrita por razões sociais e não técnicas e seus não-saberes fazem eco a essa situação de exclusão. Assim, o universo escrito se torna um desafio de democratização, pois os que lêem, lerão cada vez mais, e os que não lêem, lerão cada vez menos.” (Foucambert, 1994; p. 20)

Do ponto de vista social esta pesquisa tenta revelar com que intensidade os contextos sociais em que o indivíduo interage, com quais informantes de leitura tem contato, ou seja, que informações e indicações de leitura esses indivíduos obtém. Isto ocorre de acordo com as relações e com o meio social em que o mesmo está inserido.

De acordo com a temática desta pesquisa, na apresentação do livro “A leitura em Questão” de Foucambert, Barbosa, esclarece a questão dos aspectos sócios-políticos de inclusão e exclusão que um leitor letrado e iletrado em nossa sociedade:

(...) “referenciando-se nas análises sobre o mercado de bens simbólicos de Pierre Bourdieu nas idéias de Paulo Freire sobre o valor da escrita na tomada de consciência sobre o mundo, Foucambert sugere que em uma sociedade hierarquizada com base em classes sociais, a distribuição desigual das técnicas de acesso aos bens simbólicos reforça e realimenta as características excludentes dessa sociedade. Poucos são letrados, enquanto muitos são apenas alfabetizados. Mas tanto os alfabetizados quanto os analfabetos são frutos do mesmo processo de exclusão, do iletrismo – que, por sua vez, resulta da exclusão de ambos das condições que não lhes permitiram participar das redes de circulação de impressos. Para aqueles que socialmente vivem essas condições de exclusão, o destino é a alfabetização ou mesmo o analfabetismo – num caso ou noutro, a não-leitura.” (1994, p. 6)

A questão da leitura também é discutida por Lajolo (1982), em seu livro “O que é literatura” explicitando que o ato de ler é uma reflexão e não mera decodificação:

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhação, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.” (Lajolo, 1982; p.59)

Para a autora Lajolo, com sua contribuição revela nos tanto o poder de convencer ou de rebelar-se contra ela, ou seja demonstra todo o poder que a leitura tem, instrumento este que tanto liberta como domina.

Para Freire (1984), em seu livro “A importância do ato de ler” o ato da leitura perpassa a complexidade que se vê o mundo, ou seja, para o autor o mundo pode ser visto por várias óticas dependendo das leituras que são realizadas do mesmo:

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (Freire, 1984; p.12)

Neste livro Freire (1984) traz grandes contribuições sobre a questão da leitura mas também revela toda a importância do contexto onde cresceu e até a influência da linguagem dos mais velhos em sua formação de leitor, deixa claro que a leitura da palavra está intrinsecamente ligada a leitura do mundo.

“Venho tentando deixar claro, neste trabalho em que torno a importância do ato de ler – e não é demasiado repetir agora – que meu esforço fundamental vem sendo o de explicitar como, em mim, aquela importância vem sendo destacada. É como se eu estivesse fazendo a “arqueologia” de minha compreensão do ato de ler, ao longo de minha

experiência existencial. Daí que tenho falado de momentos de minha infância, de minha adolescência, dos começos de minha mocidade ...”
(Freire, 1984; p.20)

Contudo acredito que a importância da leitura e os aspectos sócio-políticos discutidos reafirmam a importância de se propor uma pesquisa que busque problematizar a situação de formação de nossos leitores brasileiros, numa escola entrando no século XXI. Pois atualmente é um requisito de fundamental importância para vida do indivíduo, porque a leitura está presente em tudo, desde um simples letreiro de ônibus até um livro, sendo que o ex-ministro da Educação de nosso país, Paulo Renato de Souza, em Abril de 2002 no Jornal Correio Popular, escreveu sobre a importância do hábito de leitura, e sua influência na qualidade da educação:

“A qualidade do ensino passa pelo hábito de leitura. Convidamos os diretores e professores para transformarem essas ações em efetivos instrumentos pedagógicos. Assim poderemos lograr, de fato, e levar nossos alunos ao prazer do texto e ao entendimento do que a literatura pode significar para escola e para a cultura” (Correio Popular, 22 de abril de 2002)

Essa reportagem também relata a preocupação de proporcionar aos alunos – e suas famílias - de escolas públicas o hábito de leitura com a *campanha Tempo de Leitura - Vamos fazer do Brasil um país de leitores*, em abril de 2002, o projeto com o nome *Literatura em Minha Casa* foi iniciado no dia 18 do mesmo mês, sendo que foram distribuídos 61 milhões de livros para 8,5 milhões de alunos de 4ª e 5ª séries. Cabe ressaltar que ações como esta são de suma importância para incentivar a leitura, devido às condições econômicas de boa parte dos alunos, onde tem limitado o seu contato com livros apenas na escola, no entanto, cabe dizer também que este projeto não deve limitar-se apenas a fornecer os exemplares, é de suma importância planejar de qual forma estes materiais literários serão trabalhados incentivando o prazer pela leitura, preocupando-se em não cairmos na mesmice de sempre das atividades didático-avaliativas, pois como observado

acima, caso esse desvio ocorra estaremos outra vez desestimulando a leitura e não deixando que ela faça parte do cotidiano de nossos alunos, futuros leitores de nossa sociedade.

Na sociedade atual é de grande importância que os indivíduos sejam incluídos socialmente, ou seja, saibam ler e escrever além de saber fazer os usos sociais da leitura e da escrita é relevante que os contextos que esses indivíduos interajam proporcionem uma noção de inclusão e não de exclusão. Pois de acordo com o artigo “Leitura: prazer, saber e poder” de Elias José publicado na revista *Leitura: Teoria&Prática* revela-nos que a leitura não só está contido o prazer de se deliciar com um bom livro onde corre solta toda a imaginação humana como também a relação do saber ^{versos} poder. Assim, para José, a palavra LIVRO se aproxima graficamente da palavra LIVRE, pois o saber que gera a leitura se torna uma forma de poder, e indivíduos letrados sabem que ser LIVRES na sociedade atual, é poder exercer os direitos de ser cidadãos, que um indivíduo sem este poder de compreensão fica excluído.

De acordo com José (1997):

“Transmitir o prazer, o saber e o poder da leitura deveria ser a função da família da escola, do poder político e dos que colocam o seu saber intelectual acima dos interesses pessoais. Como criador brigo com as palavras para que elas tenham sangue, vísceras, coração e mente. Sei que a cultura é a soma das culturas. A vida é a soma das linguagens. A leitura é a soma de prazeres, de saberes e sabores. A descoberta desta soma é que representa a magia da palavra escrita. Só que, como nos ensina Drummond, é preciso ter a chave. E a chave da leitura é a conquista pessoal. Muitos poderão nos apidar a ter acesso aos livros, mas cada um de nós terá que conquistar o seu modo de ler o livro e ler o mundo do livro.”(José, 1997; p.74)

O tema da leitura é fascinante não só para as crianças, os adultos também se interessam muito por ele, pois além das múltiplas relações que fazemos do mundo da leitura, ou seja, as relações que podemos fazer em nosso cotidiano após uma determinada

leitura, podemos ainda ampliar ou mudar nossa leitura de mundo, sendo uma visão de mundo mais abrangente cada vez que temos contato com uma maior quantidade de leituras.

METODOLOGIA

Esta pesquisa buscou refletir sobre quais contextos sociais se formam os leitores, e com que intensidade a família, a biblioteca, os amigos, a escola, a igreja, entre outros, influenciam ou influenciaram na formação desse leitor.

Para realização desta pesquisa buscou-se a pesquisa quantitativa, partindo da descrição de quais contextos e com qual frequência estes indivíduos se relacionam com a leitura. Deste modo para a coleta de dados foi utilizado um questionário contendo quinze questões (anexo), com respostas objetivas.

Sendo que as primeiras quatro perguntas se referiam às leituras que os indivíduos faziam e com qual frequência, além de questioná-los sobre o motivo da mesma.

A primeira questão apresentava quinze tipos de materiais escritos que os indivíduos lêem quotidianamente: livros, jornais, revistas, contas do lar, lista telefônica, receitas culinárias, manuais, textos religiosos, cartaz de propaganda, sinais de trânsito, bulas de remédios, bilhetes, cartas, anotações em agendas, formulários, outros. Para cada material escolhido o indivíduo indicaria qual a sua frequência de leitura desses materiais: diário, semanal, quinzenal, mensal e eventual.

A segunda questão informava os cadernos do jornal e o qual o motivo daquela leitura: leio por prazer, leio por curiosidade, necessidade de informação, leio por obrigação.

A terceira indicava diversos tipos de revistas selecionadas por sua especialidade (de informação, humor, feminina, entre outras) que deveriam ser indicadas quais o indivíduo mais lê e quais os motivos de sua leitura. (os mesmos motivos apresentados acima para a leitura do jornal.)

Para a quarta questão os tipos de livros indicando especialidades de livros (romance, poesia, livro didático, auto-ajuda, entre outros), indicando também o motivo para ler, como apresentado nas questões anteriores.

As cinco perguntas seguintes, se referiam a infância e aos materiais escritos que tinham contato e com que frequência eram incentivados a lê-los.

O objetivo da quinta questão era indicar quem lia histórias para os sujeitos na infância, separado posteriormente para a análise dos dados em: professores; familiares; professores e familiares; e ninguém. E qual a frequência que isso ocorria.

A sexta questão tinha o objetivo de indicar qual a frequência que tinha contato com livros na infância, frequência esta indicada pelas possibilidades de resposta: *diária, semanal, quinzenal, mensal e eventual.

Os tipos de materiais escritos que tinha contato (gibis, folhetos, revistas, palavras cruzadas, outros), e com qual frequência os lia, era o objetivo de identificar a sétima pergunta.

A oitava tinha a intenção de demonstrar se os indivíduos eram cobrados de alguma forma após a realização da leitura, indicada como sim ou não.

Na próxima questão as respostas seriam indicadas pelo indivíduo de modo a responder quais materiais escritos tinha contato e com qual frequência os lia (*a mesma frequência indicada acima) E ainda, se era incentivado a ler estes materiais.

As questões finais se referiam a que contextos e quanto os indivíduos acreditam que os mesmos influenciaram em sua formação. Descrevendo na questão dez estes contextos e qual a intensidade* que os frequentava, e também qual o motivo de participar destes: pelo prazer de ler, por curiosidade, necessidade de informação ou por obrigação.

Na questão onze os mesmos contextos indicados na questão anterior, seriam apresentados novamente explicitando agora, quanto cada um influenciou: muito, não muito, pouco, não influenciou.

A questão doze teria o objetivo de indicar a quantidade de livros que o sujeito leu até o momento, indicando se essa quantidade é: muito, pouco ou insuficiente. A próxima questão, seria a indicação de leitura como a questão doze, no entanto referente á quantidade de livros em um ano.

A penúltima questão, tinha como objetivo que os indivíduos indicassem se consideravam a prática da leitura importante para a vida cotidiana.

A última questão indagava se o indivíduo se considerava como um bom leitor e respondendo o porque de sua resposta.

Aplicou-se os questionários em três turmas de primeiro anistas do curso de graduação de Pedagogia, da Universidade Estadual de Campinas, sendo o primeiro ano de Pedagogia do diurno, o primeiro ano de Pedagogia noturno e o primeiro ano do PEFOPEX (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício).

Utilizamos-nos de 15% do total de alunos de cada turma pesquisada, sendo que cada uma destas possuem quarenta e cinco alunos matriculados. Deste modo quinze alunos de cada turma responderam o questionário espontaneamente. Um detalhe importante da pesquisa é que de cada quinze alunos que responderam o questionário, para três destes foi realizada uma entrevista, para saber se as possibilidades de respostas indicadas no questionário influenciavam o entrevistado, deste modo o mesmo era entrevistado com as mesmas perguntas do questionário, no entanto, ele respondia sem estar tendo contato com as possibilidades de resposta.

Inicialmente utilizou-se este método quantitativo com o intuito de melhor medir os dados coletados nos questionários, podendo chegar a causa-efeito da questão proposta o que posteriormente foi importante para alcançar as conclusões tanto nos aspectos quantitativos quanto na sua correlação com as observações e considerações qualitativas.

O enfoque quantitativo nesse primeiro momento visou através de uma descrição matemática compreender e refletir sobre os contextos sociais em que se forma o leitor e as variáveis presentes neste contexto.

De acordo com Rummel (1974), a pesquisa quantitativa tenta provar não só o que esta se pesquisando, mas também quantos se estão pesquisando, ou seja:

“Origina-se mais de um desejo genuíno de conhecer, do que um desejo de provar um ponto de vista. Tanto quanto possível acentua a uma abordagem quantitativa, procurando saber não só o que, mas também quanto; a mensuração é, portanto, um aspecto importante da pesquisa científica.” (Rummel, 1974; p.10)

De acordo com Rummel (1974), a entrevista tem um papel importante no que diz respeito a auxiliar e confirmar dados obtidos através das respostas dos questionários aplicados:

“Uma entrevista oferece oportunidades para observar indivíduos e grupos em ação e para aprender a respeito dos fatos, opiniões, crenças, que podem variar de acordo com as pessoas específicas em

circunstâncias particulares. Pode servir para corroborar dados já obtidos de várias fontes independentes de informações ou desvendar contradições aparentes ou outras discrepâncias, entre as fontes. Pode auxiliar, na avaliação crítica de outras” (Rummel, 1974 p. 13)

A entrevista realizada com as mesmas questões do questionário tinha o objetivo de detectar, ou seja, comprovar que as respostas propostas induziam ou não as mesmas, como expressado através da citação de Rummel.

Após esta etapa, os questionários foram aplicados, os dados tabulados, de duas maneiras em forma de gráficos e de maneira descritiva.

No próximo capítulo serão apresentados os dados gráficos com o objetivo de proporcionar uma visão ampla e uma representação numérica. Nesta fase será apresentado o perfil dos entrevistados como a média de idade, sexo e profissão. Logo após a frequência de leitura, os materiais que teve contato, quem lia na infância para estes indivíduos entre outras análises.

Outros dados serão apresentados de maneira descritiva tendo a intenção, de selecionar as três turmas analisadas, propiciando uma análise conjunta, sobre os materiais de leitura de seu cotidiano: jornais, revistas e livros. Estes dados serão apresentados após os gráficos referentes ao título “Tipos de Leitura”

E ao final da análise dos dados serão apresentadas algumas respostas dos entrevistados elucidando sua concepção da importância do ato de ler.

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo de análise dos dados cabe salientar que antes da aplicação dos questionários, foi ressaltado que os entrevistados deveriam responder todas as questões de forma espontânea, pois não havia respostas prontas.

Estes foram aplicados em três turmas: Pedagogia diurno, Pedagogia noturno e PEFOPLEX (Programa Especial de Professores em Exercício), participaram colaborando para a coleta de dados.

Os dados coletados foram contabilizados e tabulados em gráficos, sendo que as questões selecionadas foram utilizadas para análise. Estes dados foram formatados em gráficos separados por turma, para serem analisados observando as semelhanças e diferenças em cada grupo distintamente e generalizando quando possível as três turmas, de modo que a pesquisa não fuja dos seus objetivos de descrever os contextos sociais em que se formam os leitores.

Os questionários que foram aplicados em forma de entrevista ajudaram no sentido de confirmar os dados e perceber que as possibilidades de resposta não interferiram em suas escolhas, pois, os entrevistados responderam com os mesmos termos, por este motivo foram contabilizados e tabulados com os outros.

Apresentaremos o perfil destes sujeitos, os dados coletados referem-se ao sexo e idade dos entrevistados. E seguem abaixo dividido pelas turmas: Pedagogia diurno (Pd), Pedagogia noturno (Pn) e PEFOPLEX (PF)

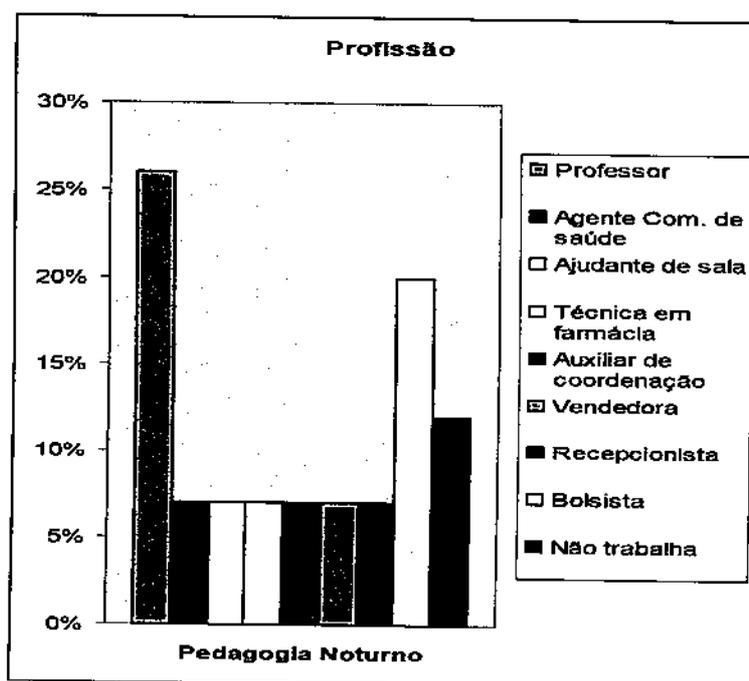
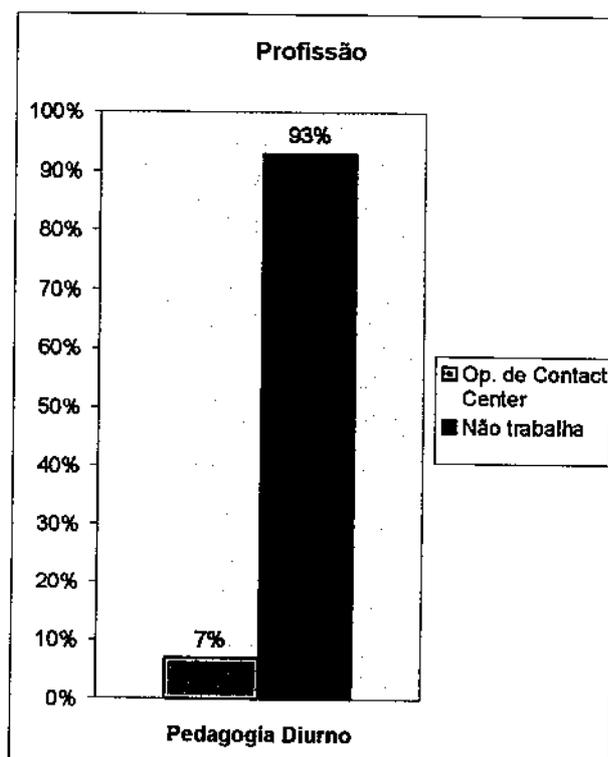
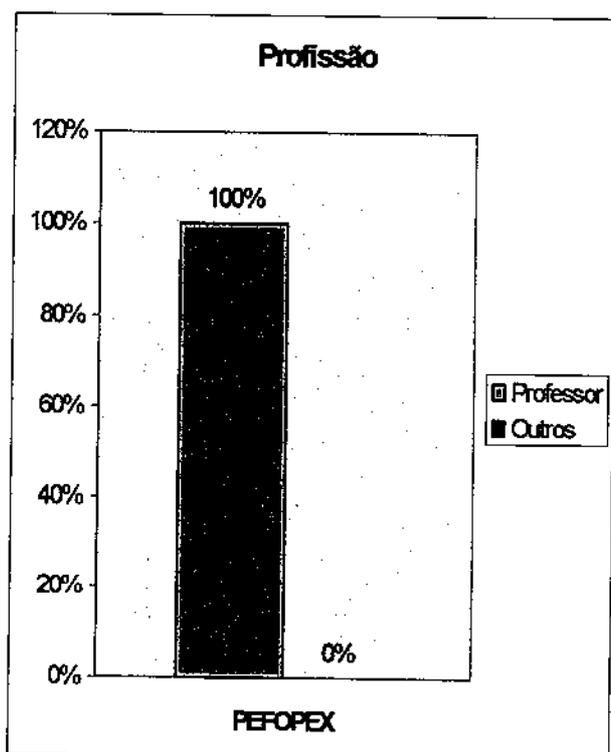
A média de idade da turma Pd é de 19 anos; Pn é de 23 anos e PF é de 35 anos. Isto se deve, pois, apesar de todas as turmas serem primeiro anistas do curso de graduação de Pedagogia, a PF (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício) trata-se de um curso destinado às professoras em exercício assim sendo a média de idade se difere das outras turmas.

O sexo feminino prevalece em todas as turmas, sendo 100% na turma PF, Pn de 100% e na Pd a percentagem do sexo feminino é de 87% sendo os restantes respectivamente do sexo masculino.

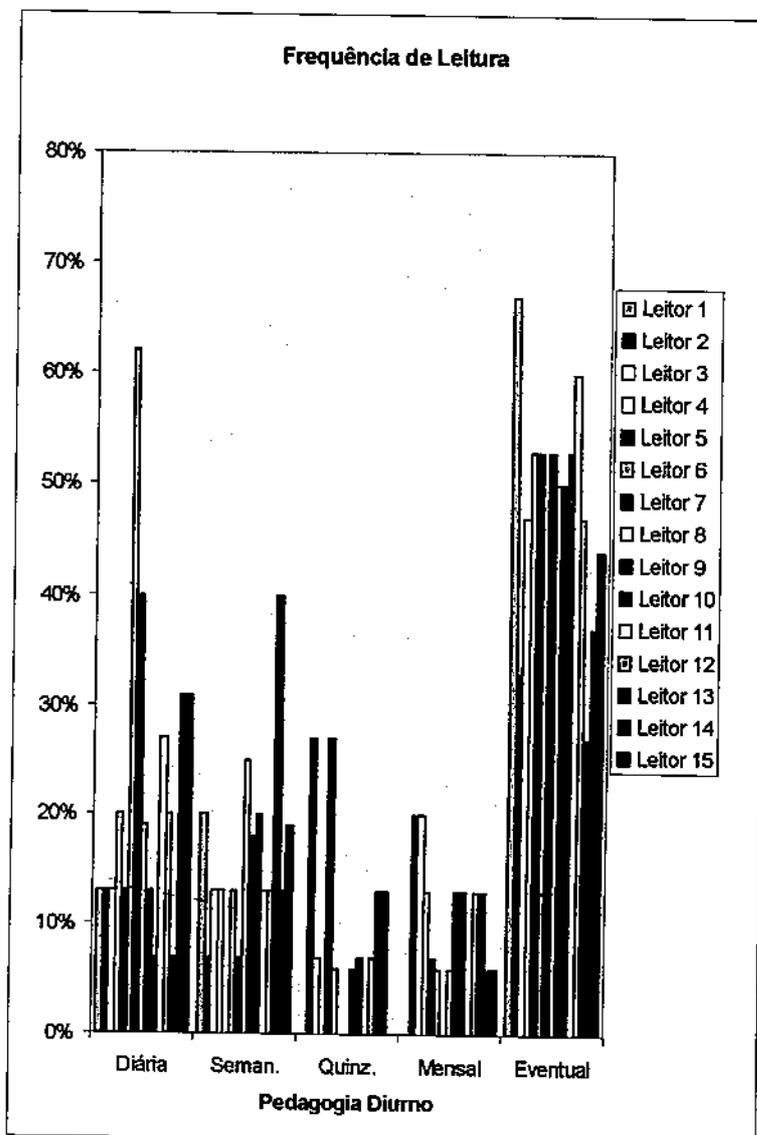
Quanto a profissão dos entrevistados, a sua maioria são de professoras em exercício, na margem de 100% para a turma PF, pelo fato de ser pré requisito para frequentar o curso.

Na turma de Pn a margem era de 26%, ainda prevalece a profissão de professora, mas como pode-se observar no gráfico há uma variação nas profissões;

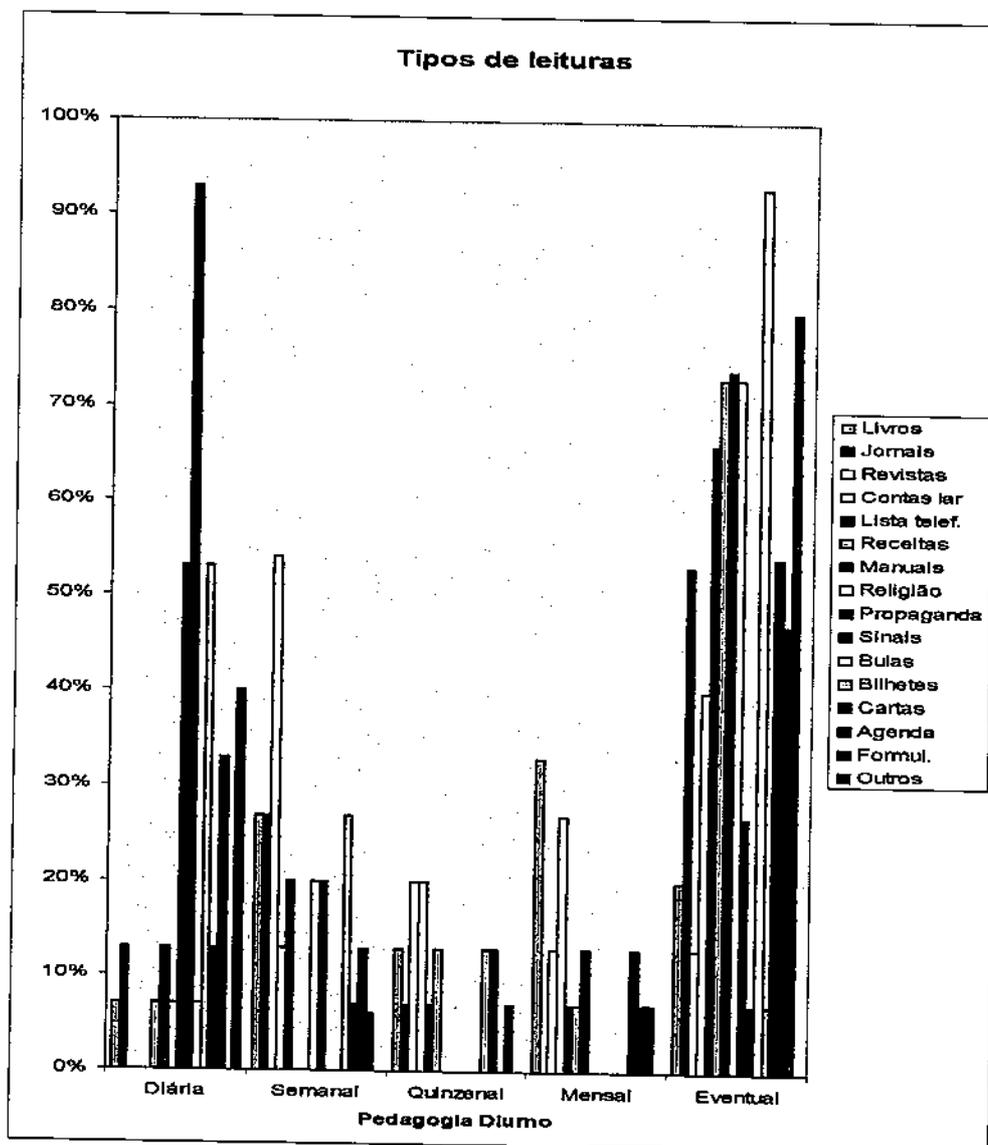
A turma de Pd foi exceção tendo uma margem 7% para a profissão de operadora de contact center, e 93% para quem não trabalha.



Outra questão a ser refletida e analisada foi à frequência de leitura de diversos materiais escritos, para a Pd segue o gráfico da análise:



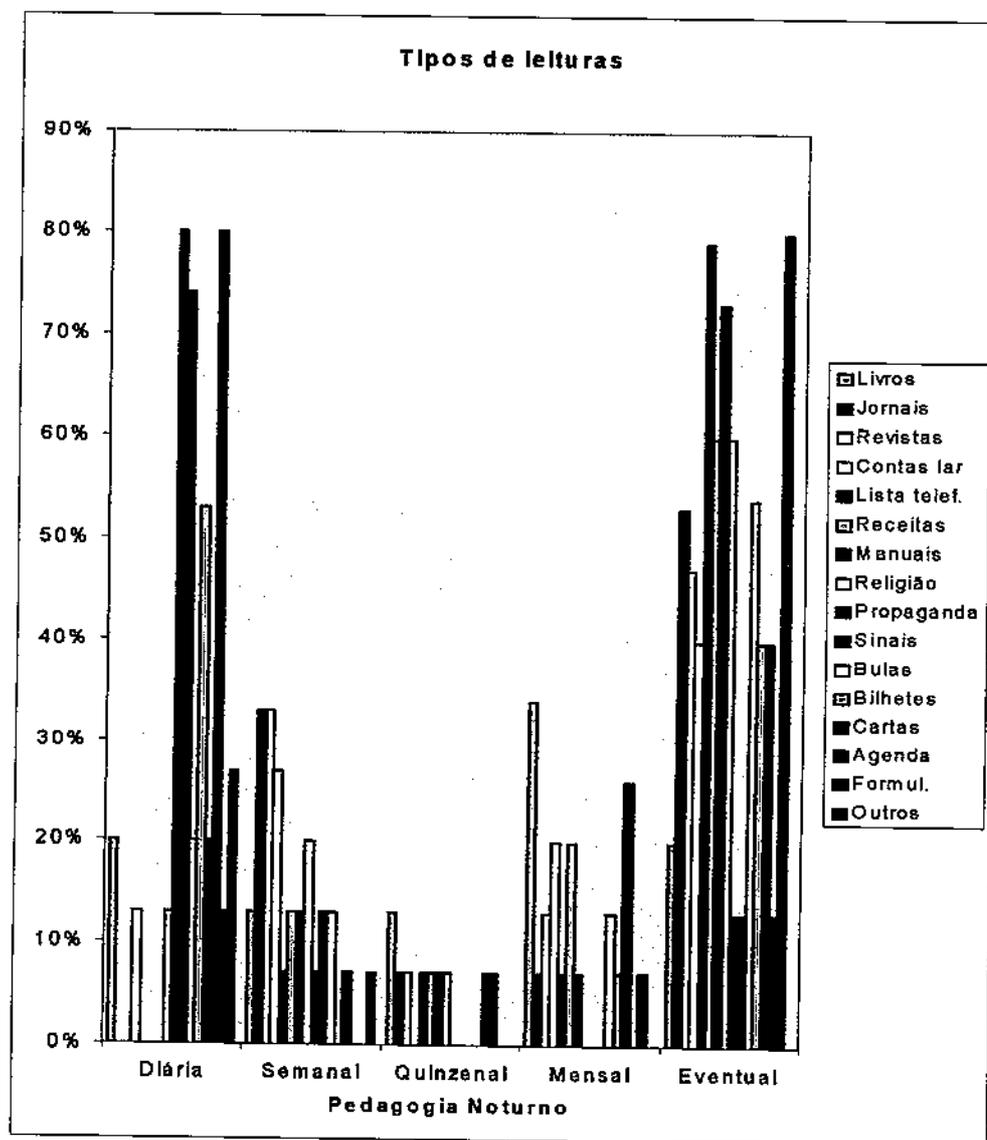
De acordo com o gráfico pode-se inferir que essa turma lê com pouca frequência, ou seja, lê eventualmente; segue o gráfico de que materiais escritos foram solicitados na questão:



Os leitores desta turma lêem eventualmente revistas, formulários, manuais, receitas, lista telefônica, entre outros materiais, e no outro oposto lêem diariamente sinais de trânsito, cartazes de propaganda, bilhetes, o que pode destacar é que a leitura de livros aparece em pouco destaque pois diariamente é de menos de 10%, semanal é de 27%, quinzenal é de 13%, mensal é de 33% e eventualmente é de 20%.

Esta pesquisa além de descrever os contextos de formação busca refletir sobre o letramento, ou seja, saber fazer uso social da leitura e da escrita, por este motivo foram apresentados aos indivíduos vários materiais, e destes foram indicados a frequência de leitura. Para estes indivíduos em formação de nível superior supõe-se que interajam com estes materiais e saibam fazer usos sociais dos mesmos.

Para esta turma a frequência de eventualmente é prevalecente, e diariamente percebe-se uma frequência de aproximadamente de 40%, agora segue o gráfico dos tipos de materiais que os indivíduos lêem:

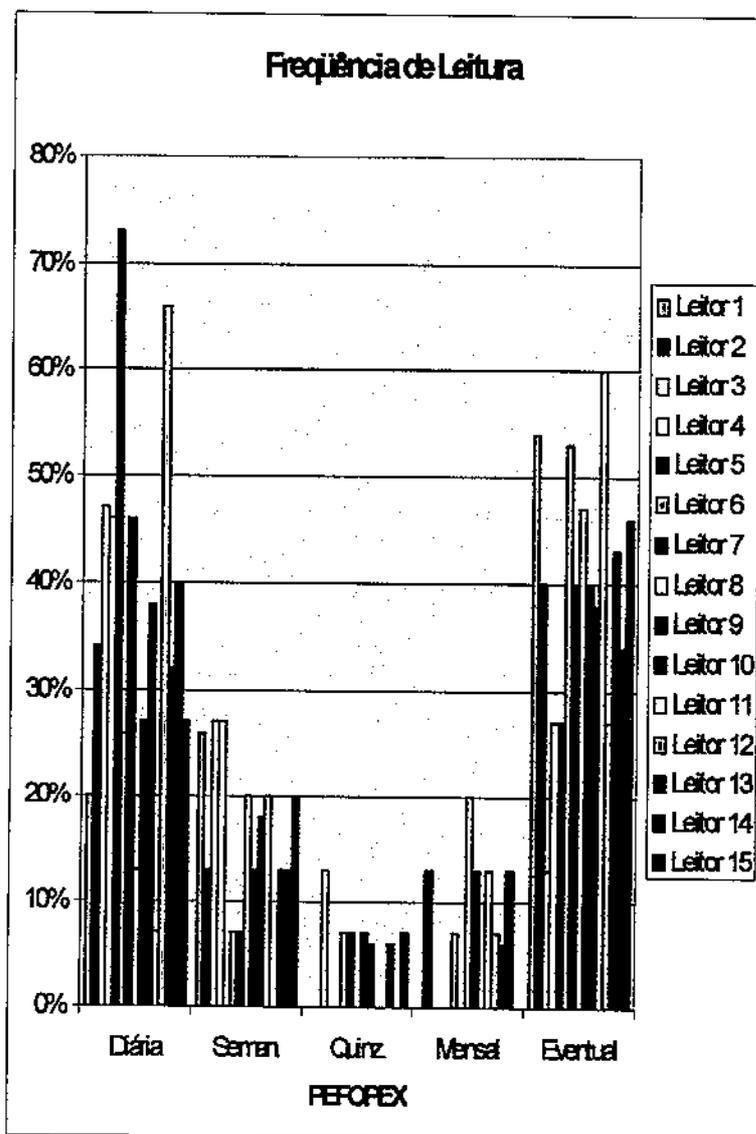


Para a Pn os indivíduos lêem eventualmente formulários, manuais, lista telefônica, textos religiosos e receitas. Diariamente lêem cartazes de propagandas, sinais de trânsito, anotações de agendas, bilhetes, entre outros.

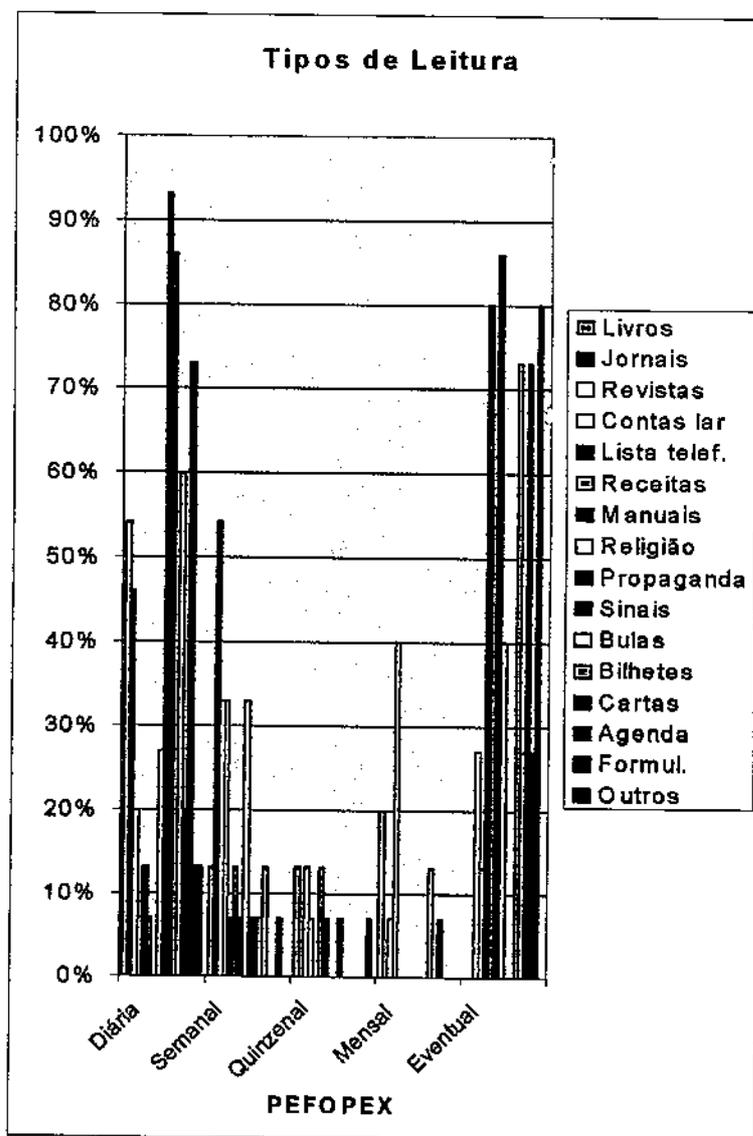
A frequência de leitura em relação aos livros é de 20% diariamente, 13% semanal, 13% quinzenal, 34% mensal e 20% eventual. Percebe-se que a frequência de leitura desta turma em relação à anterior é maior quanto a leitura diária e mensal.

Segue abaixo os gráficos da PF:

Há uma grande volume de leitura tanto diária como eventual, para os leitores desta turma.



Segue abaixo os tipos de materiais que são lidos em relação as duas frequências citadas acima:



Diariamente lêem sinais de trânsito, anotações em agendas, bilhetes, livros e jornais. Eventualmente lêem manuais, lista telefônica, cartas bulas e receitas. Cabe destacar que diferentemente das outras turmas, o PF possui uma frequência diária de leitura de livros maior, equivalendo a 54% no gráfico. Nota-se assim uma característica mais marcante quanto ao perfil de leitura desta turma.

Primeiramente foram apresentados gráficos que demonstravam a frequência de leitura dos indivíduos que responderam o questionário e posteriormente que tipos de materiais eles liam. Pode-se inferir que muitos dos materiais escritos indicados no questionário, os indivíduos só não teriam contato de forma eventual a menos que trabalhassem com os mesmos, pois são apresentadas bulas, formulários, cartas, receitas entre outros. No entanto, o que chama atenção é a pouca frequência, nas três turmas, dos materiais como: livros, jornais, revistas, pois se de acordo com Soares (1999), o indivíduo letrado tanto deve interagir como saber fazer uso dos materiais de escrita e leitura que dispõe, pode-se supor que estes indivíduos que estão cursando o nível superior teriam um maior contato e uma maior interação com estes materiais.

Esta reflexão pode ser de cunho político, pois de acordo com Silva (1986), a questão da leitura está intrinsecamente relacionada com a questão do poder. Segundo ele, o acesso ao livro nunca foi democratizado em nossa sociedade e esse tão difundido discurso da crise da leitura vem sendo reproduzido desde o período colonial, este trecho de sua obra explicita esta questão discutida acima:

“O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e do mundo dos homens, explicando-as. Aos dominadores, exploradores ou opressores interessa que as classes subalternas não percebam e nem expliquem as estruturas sociais vigentes e o regime de privilégios.” (Silva, 1986; p. 12)

Percebe-se assim que há um interesse político em que cada vez mais os indivíduos não tenham acesso a leitura e a informação para que a reprodução das estruturas sociais mantenham esta sociedade exploradora, pois este ato de estar informado, ou seja, o ato de ler gera uma condição de conscientização, elemento fundamental de transformação e mudança social.

Além disso, Silva (1986) ainda nos revela que:

“A contradição fundamental que percebo na questão do acesso ao livro no Brasil diz respeito ao grande distanciamento existente entre o discurso apologético sobre a importância da leitura e as condições concretas de sua produção, vividas pela população brasileira. Ao nível meramente proclamado, fala-se recorrentemente das maravilhas que podem ser encontradas em diferentes tipos de livros (até mesmo Monteiro Lobato já dizia que “um grande país se constrói com homens e livros.”.); porém, em que pese a alta produção editorial brasileira, o que se verifica na realidade concreta é a falta patente de condições para a realização de leituras. E não precisamos ir muito longe para demonstrar essa angustiada contradição, perguntando aos próprios participantes deste encontro sobre o tempo real de que dispõem para se dedicarem à leitura bem como sobre a parte dos seus orçamentos que é atribuída à aquisição regular de livros.” (Silva; 1986, p.13)

Assim após esta contribuição de Silva (1986) pode-se refletir sobre algumas questões: Será que desses 45 entrevistados, que cursam a graduação em Pedagogia, na sua grande maioria trabalhadoras, muitas professoras em exercício, tem realmente tempo para se dedicarem à leitura? Será que podem adquirir livros tanto para sua leitura prazerosa, como títulos relacionados à sua atualização profissional? Será que já se deram conta de perceber o que a não leitura, ou a leitura eventual representa?

Assim sendo, após estas reflexões apresentadas, passaremos à análise de forma descritiva, proposta na metodologia referentes a leitura do cotidiano de jornais, revistas e livros.

Para estas análises foram selecionados dados descritivos sem o auxílio de gráficos, pois para estas perguntas os leitores poderiam indicar mais de uma resposta, deste modo foi analisado o que foi mais ou menos recorrente apresentando-se assim os próximos dados.

Esses dados serão apresentados de uma forma geral, ou seja, três turmas por ter o objetivo de demonstrar uma visão ampla de como os leitores atuais lêem materiais de seu cotidiano, retomando os questionamentos apresentados na introdução da pesquisa: *Com que*

fontes escritas os sujeitos interagem e qual a relação dessa interação com a formação desse indivíduo leitor?

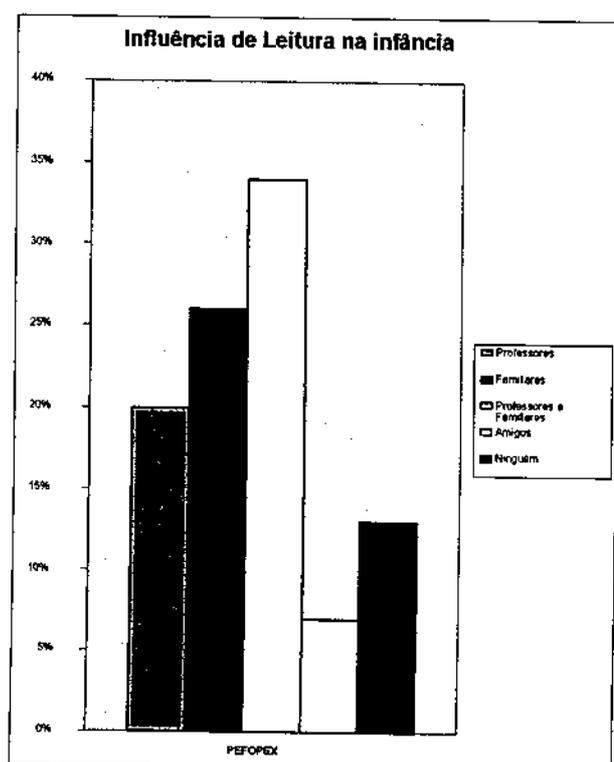
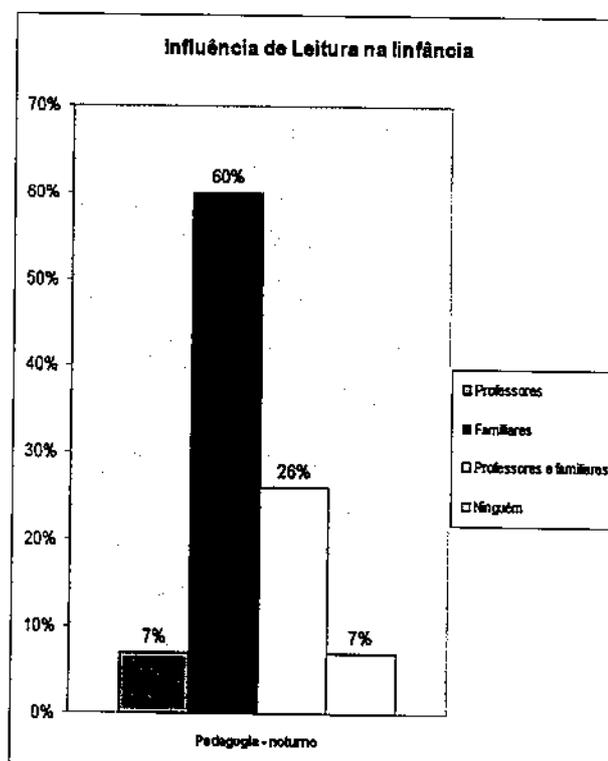
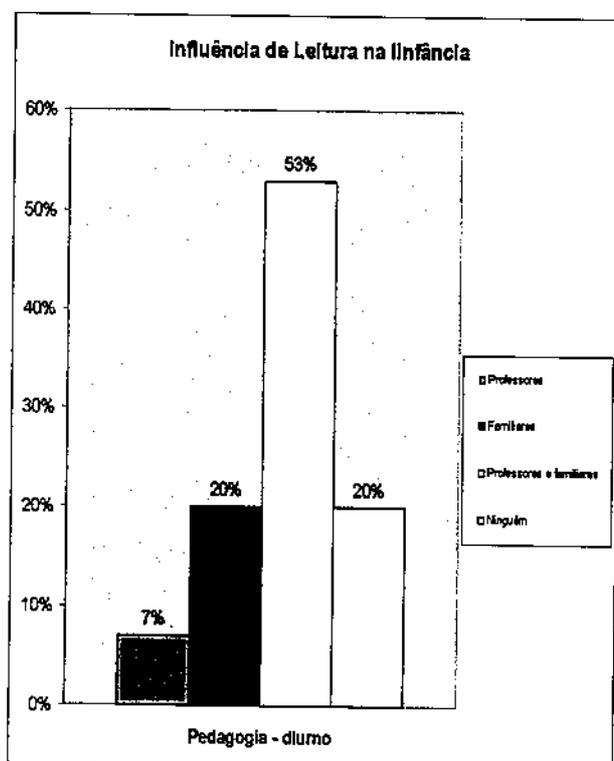
Os indivíduos interagem com diversas fontes escritas no entanto, o questionário proposto selecionou três dessas (jornais, revistas e livros), pois além de serem fontes escritas que esses indivíduos interagem são fontes que se supõe que um indivíduo cursando graduação em Pedagogia tem acesso e interação.

Analisando os leitores das três turmas em conjunto, constatou-se que referente a leitura de jornais, a grande maioria deles lêem as notícias locais e nacionais do mesmo, e a parte do jornal pouco lida é o caderno de economia. O motivo desta leitura justificado pelos indivíduos é a necessidade de informação e a curiosidade pelo assunto, como principais motivos. No entanto, também fizeram referência à leitura por obrigação e por prazer, em menor ênfase.

Referente a leitura de revistas as mais lidas são: praticamente 100% dos leitores lêem revistas de informação, como Veja, Isto é, entre outras. Em menor quantidade lêem revistas femininas, de humor, eróticas e científicas. O motivo de ser ler esse tipo de material em sua grande maioria são por prazer, curiosidade e necessidade de informação, nenhum leitor respondeu por obrigação.

Em relação aos livros os leitores indicaram na sua grande maioria que lêem: livros didáticos, de literatura e de auto-ajuda, os livros menos lidos são: os romances de bancas, os romances policiais e de ficção científica. O motivo desta leitura em primeiro lugar indicaram o prazer e a necessidade de informação, o motivo menos indicado foi à leitura por obrigação.

Uma questão também refletida nesta pesquisa foi a influência de leitura.



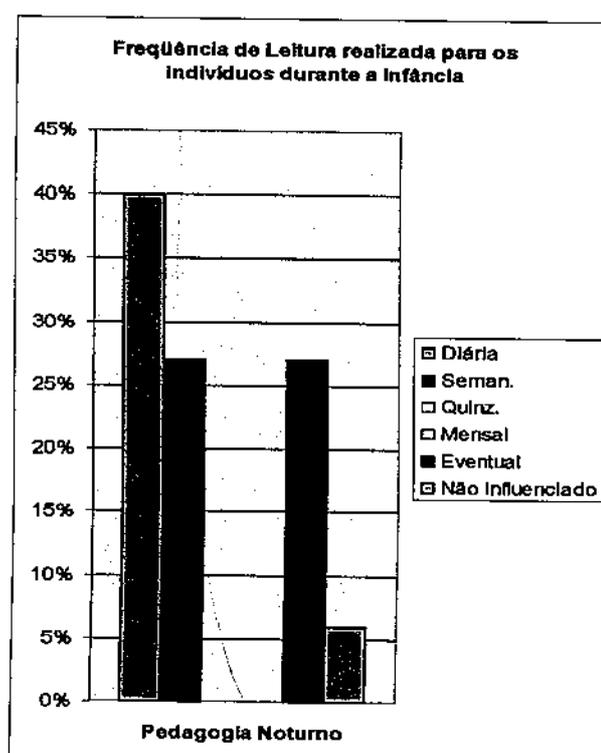
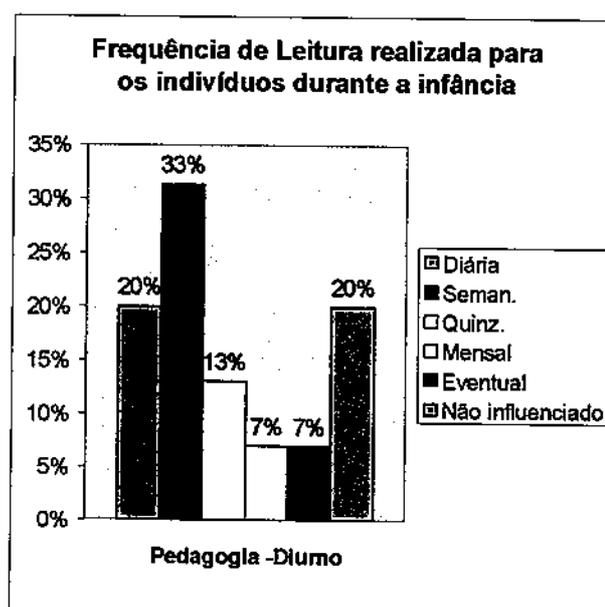
Em relação a quem eram os adultos que liam na infância para esses entrevistados, ou seja, aqueles que influenciaram em sua formação, para a Pd destaca-se com 53% os professores e familiares.

A turma de Pn diferentemente destaca a influência de 60% sobre os familiares e somente 26% sobre familiares professores e a turma PF segue o gráfico abaixo:

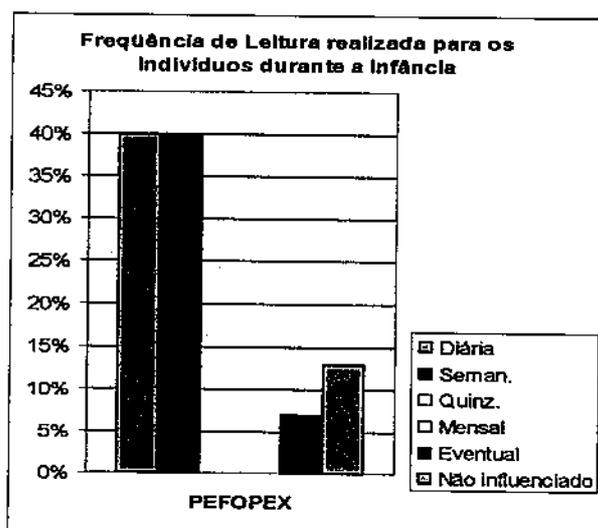
Para a PF as influências recaem sobre 33% professores e familiares.

Para turma Pd quem mais lia para estes eram os familiares e professores onde esta leitura era realizada semanal, ou diariamente, ou seja, uma vez na semana ou todos os dias respectivamente.

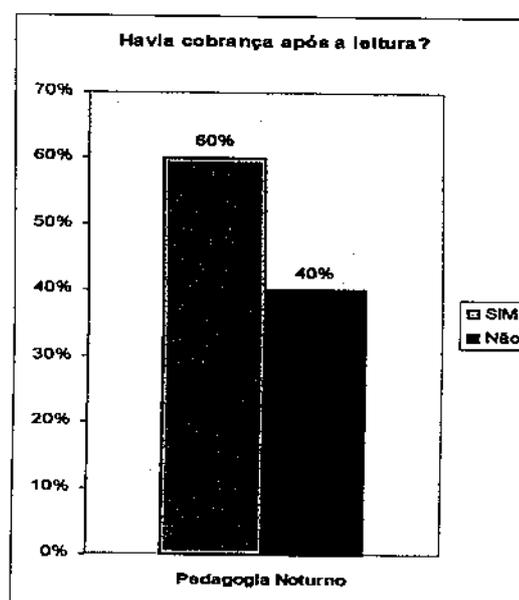
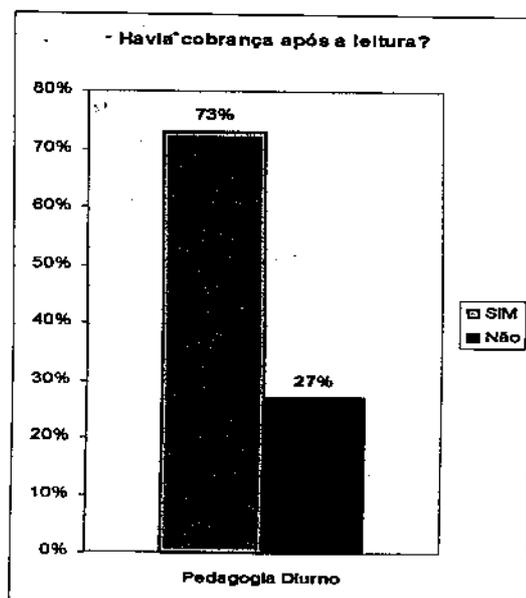
Para a turma de Pn quem mais influenciava significativamente, era 60% de familiares que liam para estes individuos na infância, com uma frequência diária onde pode-se observar no gráfico que segue abaixo:

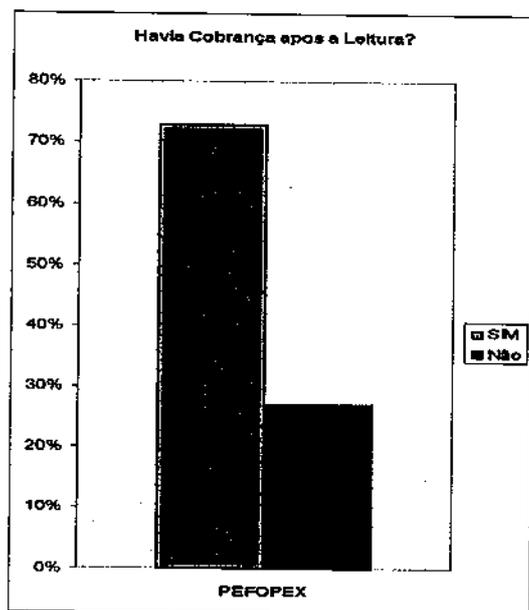


Para a PF a frequência diária e semanalmente é de 40% sendo que eram os professores e familiares que liam para estes indivíduos, ou seja pode-se inferir que a escola tem uma contribuição, pois, de acordo com os dados esses indivíduos tinham contato diária ou semanalmente com materiais escritos.



A próxima análise refere-se a cobrança após a leitura, ou seja, se era uma instrumento avaliativo ou se os indivíduos podiam ler com prazer o que desejassem sem uma coerção avaliativa após a mesma. Segue a análise:





Analisando as três turmas percebe-se que a cobrança existia em todas, esta reflexão é discutida por vários autores, a contribuição de Geraldi (1984), sobre os caminhos que o leitor percorre em sua formação, ou seja, a influência dos contextos sociais e das pessoas (informantes) que tem contato com o leitor.

Para o autor, a formação de leitor para um indivíduo deve reconhecer e respeitar as caminhadas de leituras percorridas, e além disso como essa leitura foi incentivada e realizada. De acordo com sua reflexão, o professor ao indicar os livros, e logo após solicitar uma atividade de cobrança, o aluno acaba ficando desestimulado, assim a leitura acaba sendo um pretexto, para na maioria das vezes, uma atividade avaliativa, perdendo seu caráter de fruição ou ainda para incentivar o gosto pela mesma. Isto torna a leitura uma obrigação e o aluno por sua vez se torna desestimulado.

Sendo apenas o professor que indicará uma leitura, este acaba tornando-se um informante de leitura centralizador, não dando ao aluno a possibilidade de livre arbítrio de estar escolhendo por si só, ou aceitar a indicação de outra pessoa.

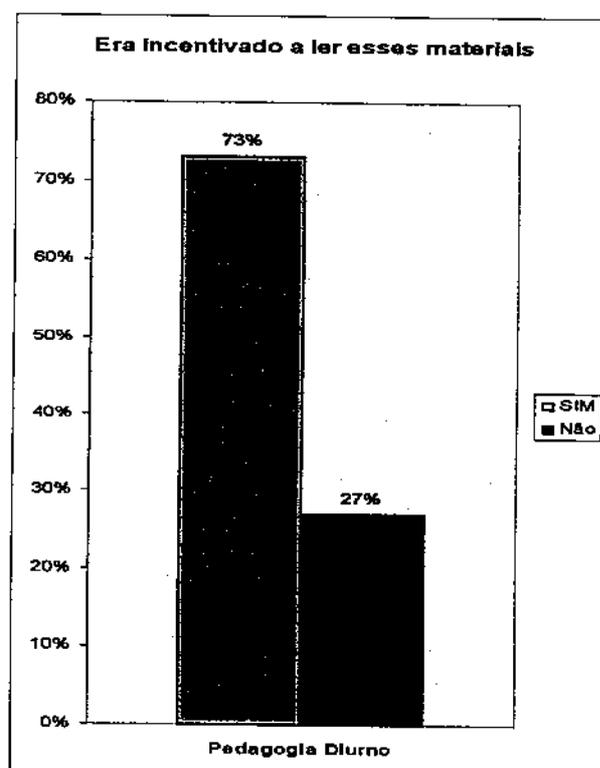
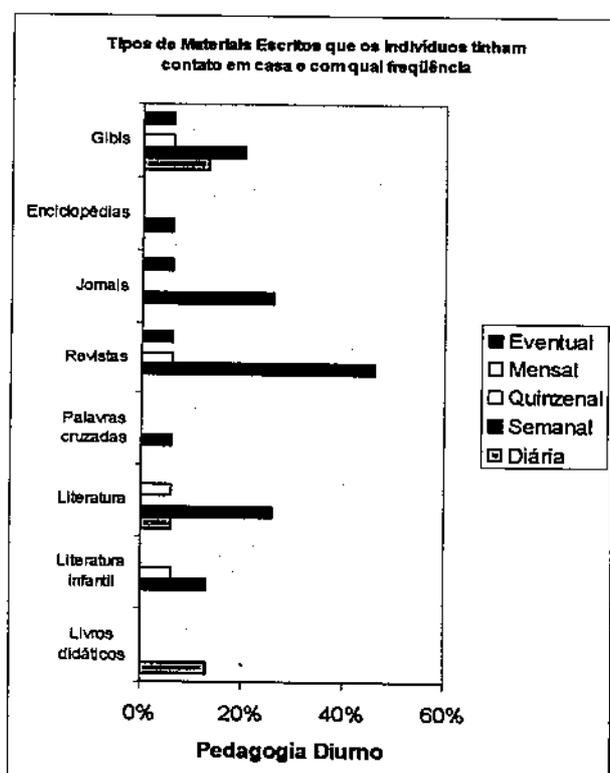
A pesquisa veio confirmar as reflexões de Geraldi (1984), pois, na infância as pessoas que liam para estes indivíduos eram familiares e professores sendo que não

indicaram outro informante de leitura, além disso, a cobrança ou avaliação é notada em grande percentagem.

Seguindo a análise, os gráficos demonstram com que materiais escritos os indivíduos tinham contato e com que frequência, no gráfico ao lado indica se esses indivíduos eram incentivados a ler ou não esses materiais.

Percebe-se nas próximas duplas de gráficos que os materiais indicados se diferem de uma turma para outra, isso se deve pelo fato desta questão (do questionário aplicado) ser descritiva, ou seja, cada indivíduo indicou qual material escrito tinha contato na infância.

Curiosamente dois dos gráficos indicados com o título: Era incentivado a ler esses materiais, coincidiram em 73% sim e 27% não, para essas turmas.

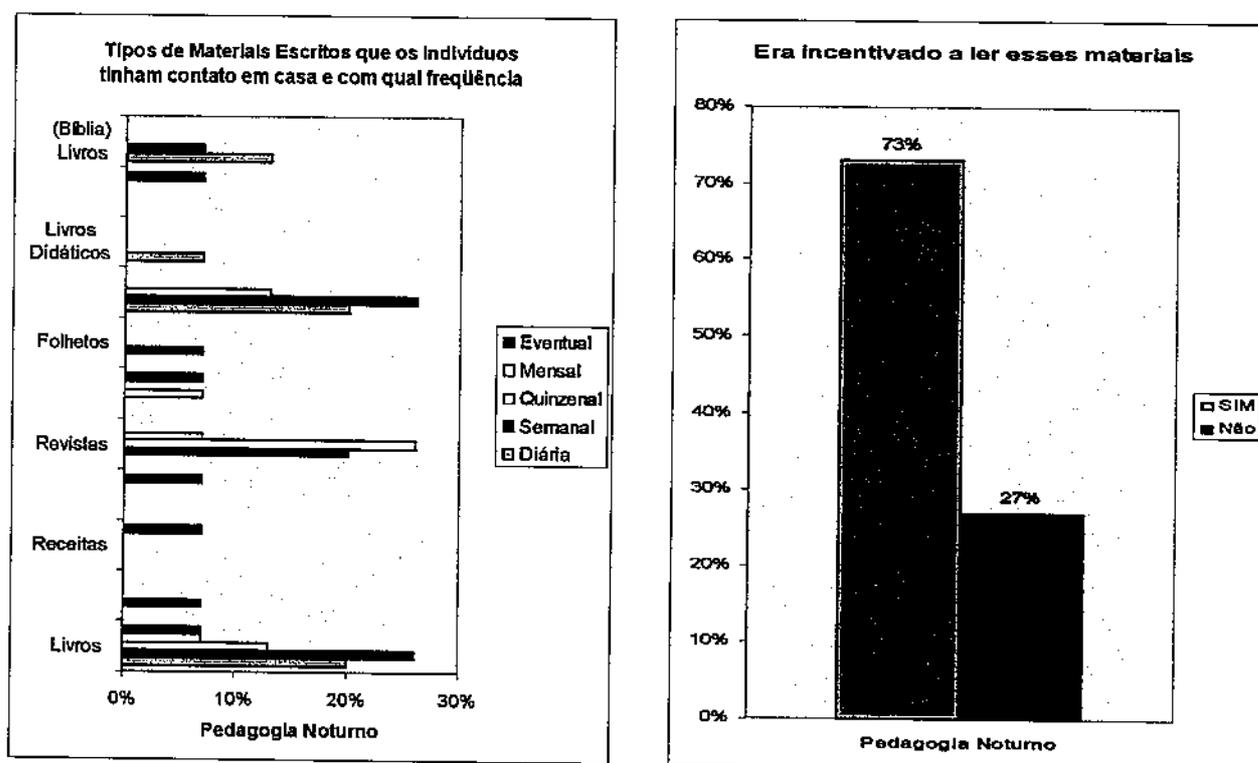


Para a turma Pd, onde os gráficos acima indicam os diversos materiais escritos que tinham contato, e se esses indivíduos eram incentivados a ler esses materiais, por este motivo eles são apresentados lado a lado para facilitar a análise.

No gráfico apresentado do lado esquerdo o destaque de frequência se dava semanalmente para literatura, revistas, jornais e gibis. E diariamente, pouco percebe-se e

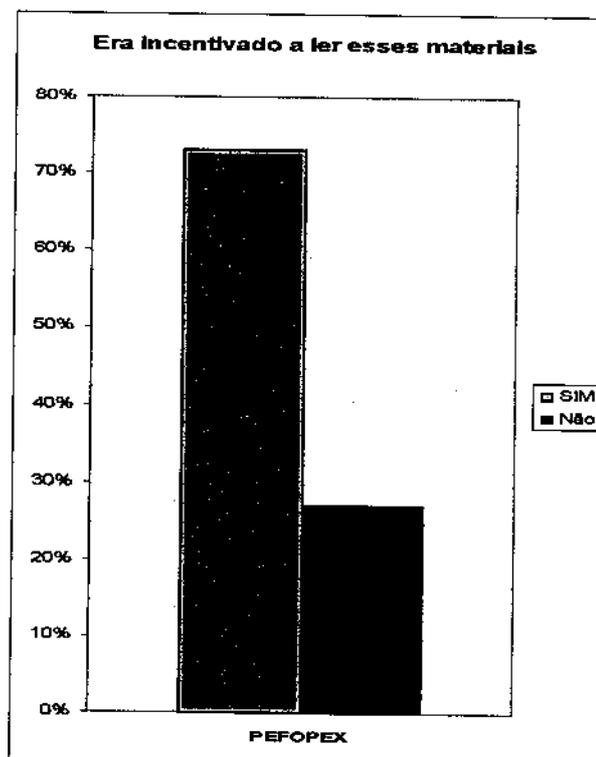
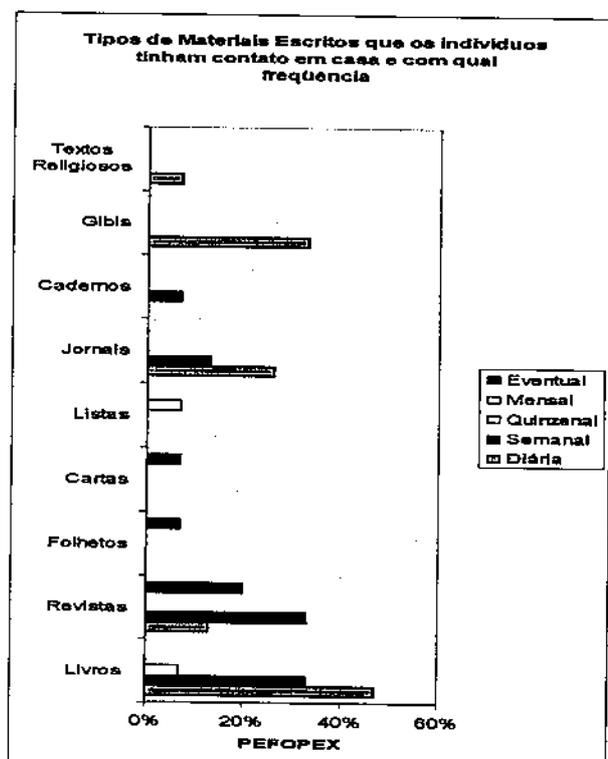
referencia aos materiais indicados sendo o livro didático e o gibi indicados numa frequência menor que 20%. Assim pode-se inferir que a escola oferecia a esses alunos pouco material de consulta como enciclopédia, que apenas um entrevistado indicou. Já o gráfico do lado direito da página indicou que 73% dos entrevistados eram incentivados a ler esses materiais.

Para a turma Pn seguem os gráficos abaixo:



O gráfico acima (lado esquerdo), indicando os materiais que os indivíduos tinham contato não retrata todos os materiais observados como dados, são eles: livros, receitas, diários, revistas, jornais, folhetos, gibis, livros didáticos, bula de remédio, livros religiosos (Bíblia)

Para esta turma Pn os materiais que tinham contato diário eram livros com contato diário de 20%, semanalmente 27% e também gibis com esta mesma frequência, e quinzenalmente revistas. Sendo que 73% dos entrevistados eram incentivados a ler estes materiais por eles indicados.

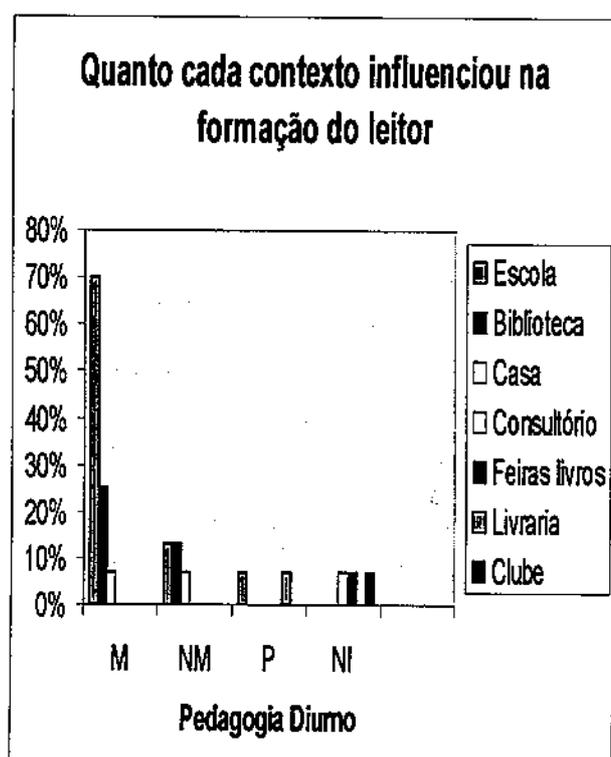
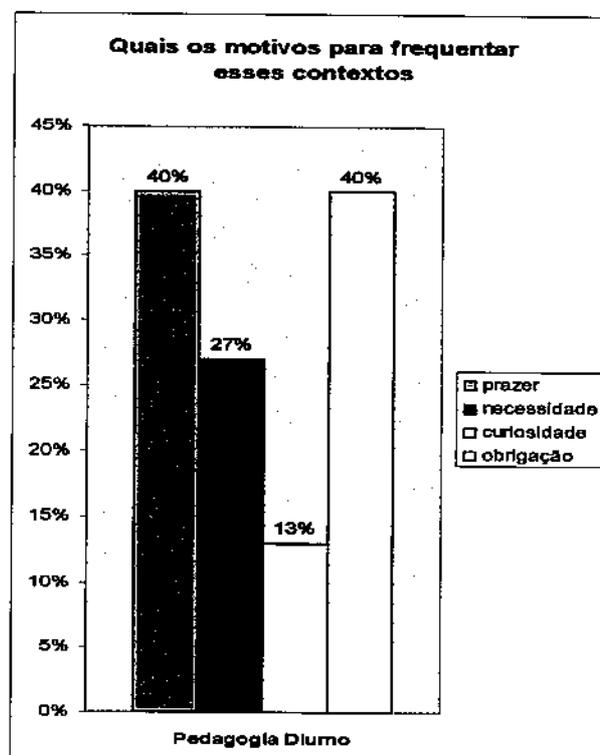
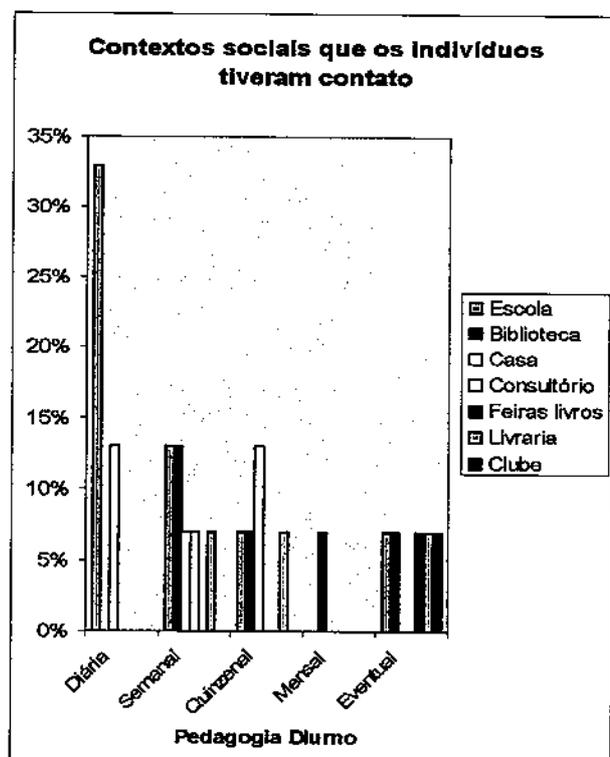


Para a turma PF percebe-se uma maior percentagem em relação as outras turmas, ou seja, para esta turma um número maior de indivíduos tinham contato em suas residências com livros. Sendo 45% contato diário, 33% semanal e 33% diário em relação aos gibis. Para esta turma 73% era incentivado a ler estes materiais e 27% não.

Dados importantes tabulados, e também apresentados em forma de gráficos, são relacionados ao objetivo específico desta pesquisa: os contextos sociais que estes indivíduos tinham contato com materiais escritos que possibilitassem a leitura, quais os motivos de frequentar esses locais, e quanto os mesmos influenciaram na formação desses sujeitos.

Por este motivo os gráficos a seguir serão apresentados em trio e por turma.

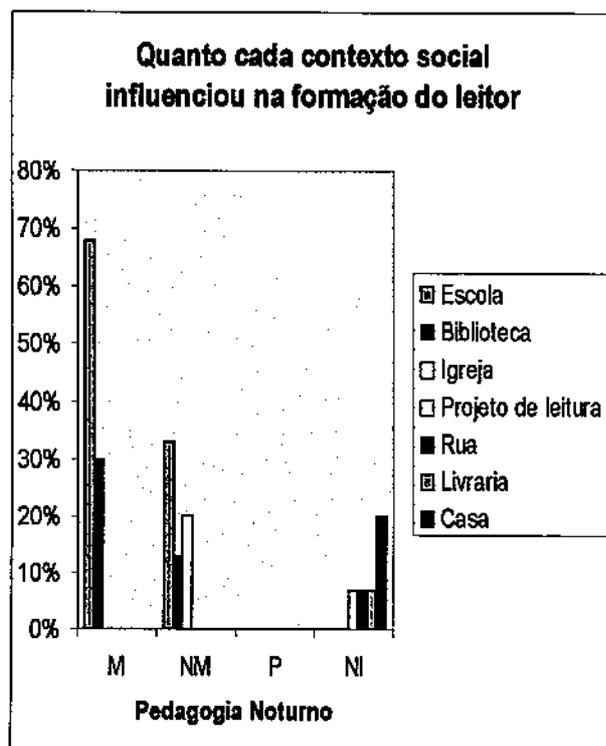
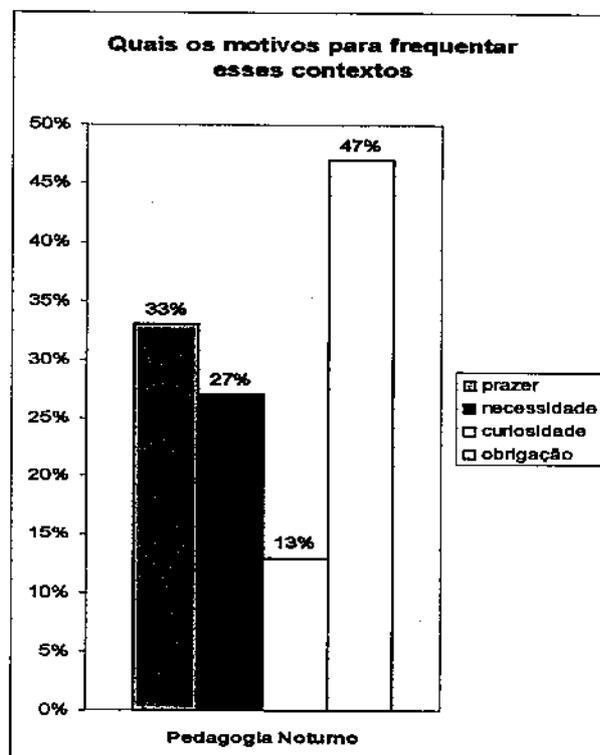
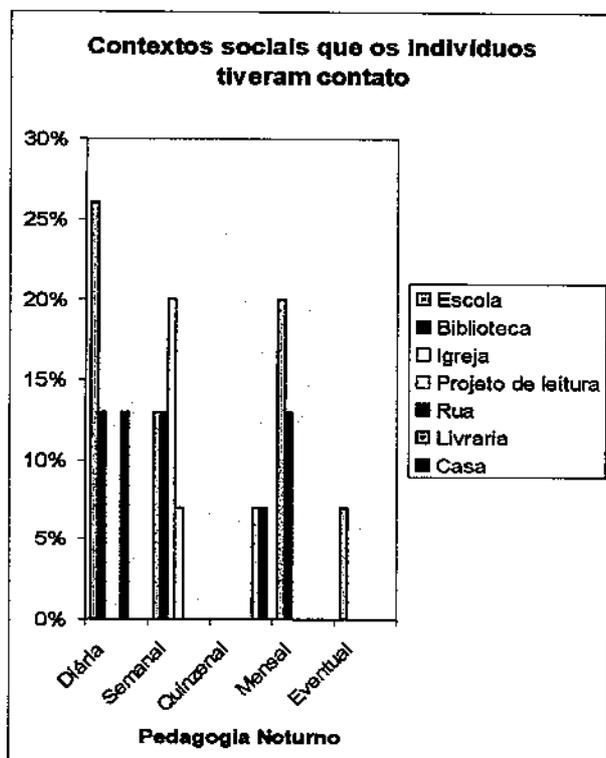
Os gráficos indicados com o título "Quanto cada contexto influenciou na formação do leitor", são apresentados com a legenda de intensidade abreviada: M – muito; NM – não muito; P – pouco; NI – não influenciou.



Para a turma Pd o contato com a leitura se dava diariamente pela escola e pela casa, semanalmente pela escola e biblioteca. Esses indivíduos assinalaram o prazer e a obrigação como motivos de frequentar esses locais, com 40% cada.

Além disso, consideraram a escola, biblioteca e casa como contextos que influenciaram muito em sua formação de leitor.

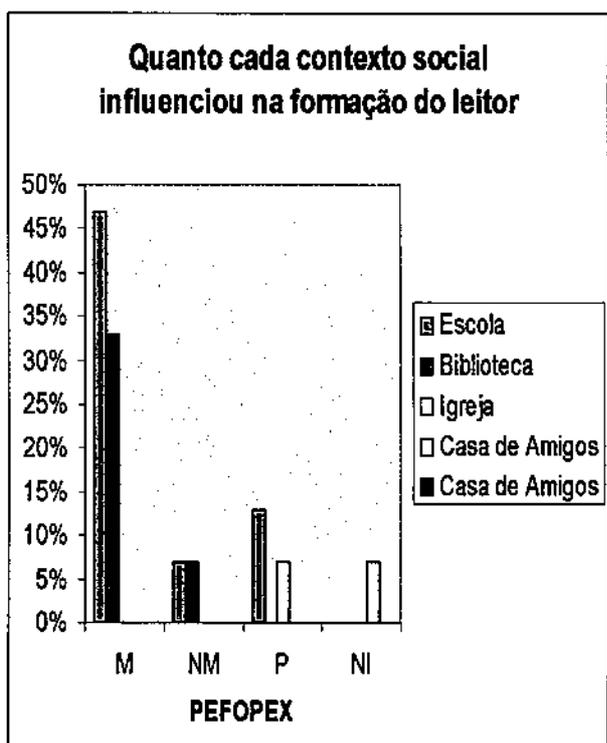
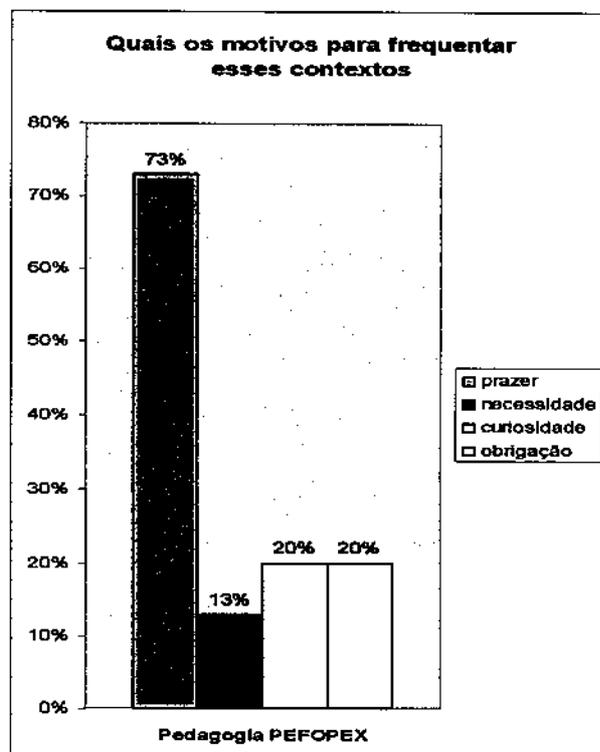
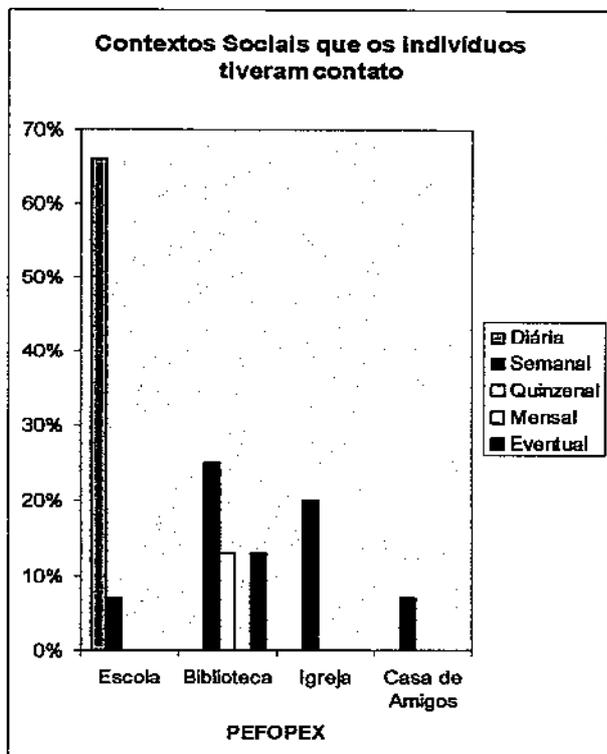
Observando esses dados pode-se notar que após a escola, a biblioteca ganha um destaque em relação a um contexto importante pois, os entrevistados indicaram o motivo prazer para frequentá-la.



Para a turma Pn, diariamente tinham contato com a leitura na escola 26%, na biblioteca 13% e na rua 13%; semanalmente a escola e biblioteca com 13%, a igreja com 20% e o projeto de leitura com 7%.

Para esta turma o motivo obrigação por frequentar esses contextos é predominante em 47%.

Indicaram ainda, que foram muito influenciados pela escola com 69% e pela biblioteca com 30%



Para turma PF, os locais que tinham contato, conforme indicado no gráfico, eram a escola com 68% diariamente, a biblioteca com 25% semanalmente. Para estes indivíduos o fator preponderante para frequentar esses locais era o prazer com 73%, diferentemente das outras duas turmas. Para Pn a obrigação era preponderante e Pd a obrigação e o prazer estavam no mesmo patamar.

Além disso, para as três turmas a escola e a biblioteca, foram os locais que muito influenciaram em suas formações.

Portanto, percebe-se que a biblioteca recebe um lugar de destaque em relação a outros contextos indicados pelos leitores, pois, de acordo com Montenegro(1997):

“A biblioteca é um dos espaços social e historicamente constituídos para a coleta, guarda e disseminação da informação, inicialmente recolhendo materiais a que a cultura letrada se habituou ao longo da história ... É, portanto, lugar da informação e da história, depositária da herança cultural capaz de exercer um poder de grande efeito na constituição dos sujeitos sociais, já que o acesso à biblioteca é também o acesso a diferentes modos de compreender a realidade, registrar sonhos e possibilidades através da leitura, o que pode contribuir para o exercício da cidadania.” (Montenegro, 1997; p.16)

Atualmente a biblioteca não meramente tem a função de guarda mas, de disseminação das informações e idéias, sendo estas transmitidas e atualizadas em nossa herança cultural. Neste contexto as bibliotecas são hoje um dos locais a influenciar a formação do leitor como constatado, pois, assim como a escola, que também percebeu-se nesta pesquisa possibilitam um contato com os livros e outros materiais, em que os indivíduos fazem ou realizam o ato da leitura podendo posterior a isto fazer a própria releitura de si mesmos enquanto cidadãos.

Outro contexto mencionado pelos leitores foi a escola, como todos sabemos uma disseminadora de conhecimento e formadora, ou deveria ser, de cidadãos. Para Silva (1986) a educação do ser humano envolve dois fatores, a formação e a informação, ou seja, o processo educativo é baseado na transmissão de conhecimento de uma geração para outra, os valores, costumes de modo que a sobrevivência, a conveniência social e a cultura sejam mantidas.

Além disso, revela-nos sobre a relação da obra escrita e a formação do indivíduo:

“A obra escrita é, essencialmente, um registro da cultura produzida pelo homem nas suas diferentes etapas evolutivas. E sendo registro da cultura, não há como se deixar de utilizá-lo na transmissão de conhecimentos às novas gerações. É por isso mesmo que o processo de escolarização de um indivíduo é tido, muitas vezes, como sinônimo de aprendizagem de leitura e escrita. Por outro lado, a obra escrita, além de informar, também cumpre objetivos de formação, pois que coloca ao leitor atitudes, valores, crenças, etc. ..instituídos socialmente.(Silva, 1986; p.35)

Deste modo se a leitura se faz tão importante e indispensável para educação, e assim a escola como instituição disseminadora desta, é justificada pelos indivíduos que a indicaram como contexto social que influenciou consideravelmente em sua formação.

Mas também não podemos deixar de mencionar que após a leitura havia uma cobrança, como já foi mencionado anteriormente. Trazendo neste momento apenas uma breve reflexão de Silva:

*“Se a leitura está tão apertadamente amarrada a educação dos indivíduos, então porque existe tanta aversão à leitura nos dias de hoje? Se a leitura serve a propósitos de formação e de informação, então porque esse distanciamento tão patente entre as pessoas e os livros? Por que existe uma crise da leitura na escola e na sociedade brasileira como um todo? Minha resposta a tais questões está em que o ato de ler, se executado dentro de moldes críticos, é **um ato perigoso**. Por isso mesmo, quanto menor o número de leitores neste país, quanto maior o número de analfabetos, quanto mais o ensino real da leitura for distorcido no âmbito da escola e da sociedade, tanto melhor para a reprodução das estruturas sociais injustas, existentes no país.”*
(Silva, 1986; p.36)

Esta reflexão de Silva nos faz perceber quão importante é o ato da leitura como ação transformadora, e o ato de não ler ou esta desatenção que muitas vezes é dada à leitura pela escola reforça a reprodução destas estruturas injustas, que alguns leram e se informaram

cada vez mais e outros cada vez menos. Esta reflexão cabe neste momento, pois, apesar dos indivíduos indicarem a escola como contexto que contribuiu em sua formação, também, relataram que essa leitura era cobrada de alguma maneira, e no geral a frequência de leitura acontecia eventualmente.

Uma última questão levantada na pesquisa foi a concepção de leitura que os indivíduos tinham sobre a sua própria leitura. Foi apresentada como a única resposta dissertativa do questionário “Você se considera um bom leitor? (SIM – NÃO) Por quê?”

Para a turma Pd, pode-se notar que a maioria não se consideram bons leitores, percebem a leitura como uma obrigação, segue abaixo algumas respostas selecionadas:

“Porque gosto de ler e utilizo as informações obtidas nos livros em minha vida profissional e pessoal” (L.6)

“Eu não leio muito quando tenho tempo livre, só leio por obrigação e necessidade de informação” (L.9)

“Só leio livros por obrigação acadêmica dificilmente leio um livro por simples prazer de ler, leio apenas aquilo que me interessa” (L.8)

Para a turma Pn a maioria respondeu que se considera um bom leitor, e responderam se referindo a compreensão que a leitura proporciona, não só aquela relacionada diretamente do texto mas também as relações possíveis de se fazer com o mundo, ou seja, parafraseando o título do livro de Marisa Lajolo “do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo”, segue abaixo suas colocações:

“Tenho uma boa interpretação do que leio, não me considero uma pessoa que lê muito”

“Na maioria das vezes entendo o que leio, sou capaz de fazer relações no meu dia-a-dia.”

“Porque consigo satisfatoriamente identificar a mensagem do autor e levantar questionamentos perante a leitura realizada.”

Para a turma PF a grande maioria fez referência em suas respostas ao motivo prazer ao ler, segue abaixo suas contribuições:

“O bom leitor sabe mergulhar e compreender o que leu, comparando com outros conhecimentos já obtidos e acrescentando-os ou modificando-os”

“Leio fluentemente e constantemente não só pela obrigação de ler, mas sim pelo prazer.”

“Ler é mais do que decifrar palavras, é viajar junto com o texto e extraindo do mesmo tudo o que ele puder contribuir para a minha vida, prática de trabalho, etc.”

De acordo com as colocações acima justifica-se que PF lê com maior frequência e por prazer pela leitura.

Segue no próximo capítulo as considerações finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de forma ímpar buscou refletir sobre como as pessoas e os contextos influenciam em nossa formação como sujeitos históricos.

Para as turmas pesquisadas apresentadas no capítulo de análise dos dados, buscou-se descrever de que forma os materiais, os sujeitos e os contextos ajudaram esses indivíduos pensarem sobre como se tornaram leitores, qual a caminhada de leitura e que leitura do mundo percorreram para atualmente lerem o que lêem, formando-se leitores de seu tempo.

Aplicar um método para a pesquisa trata-se contudo, num processo dialético, onde muitas vezes não foi indicado respostas irrefutáveis mas, sim apontados novos caminhos, que dentro deste próprio processo dialético tornar-se-á transformado e novo para o tempo em que será novamente questionado, presente e inerente aos contextos de sua realidade social.

A relevância de uma pesquisa é valorizada quando esta, consegue retratar seu tempo, podemos suscitar alguns caminhos percorridos para esta pesquisa e algumas denotações. Vivemos em uma sociedade que está em fase de transição contínua, onde percebemos uma incessante busca pelo novo e uma rápida transformação de conceitos e idéias, realidade que poderíamos chamar de “era da informação.” Portanto, em tal condição podemos dizer que para esta nova sociedade da informação, a leitura e de uma forma mais complexa o termo letramento são condições fundamentais para uma sociedade que se intitule da informação.

Nestas considerações alguns aspectos devem ser lembrados e discutidos. Um deles é o fenômeno *letramento*. Não há dúvida de que todos sujeitos que participaram da coleta de dados são alfabetizados, requisito que atualmente não basta em si só, estes indivíduos, necessitam ser letrados, ou seja, interagirem com as fontes escritas, de maneira simples como saber redigir um relatório ou requerimento, procurar informações em um catálogo, entre outras mais complexas, para assim fazerem os usos sociais da leitura e da escrita. A partir dos gráficos estes indivíduos interagem com materiais escritos diversos como pode-se notar na análise dos dados (título dos gráficos: Tipos de leitura), no entanto a frequência de

leitura de livros é baixa, em algumas turmas. Sendo que a frequência diária nas turmas Pd 10%, Pn 20% e PF 54%(título gráfico: Frequência de leitura)

Deste modo pode-se pensar sobre dois aspectos, primeiramente como alunas e alunos de graduação não lerem livros sendo que nas turmas Pd e Pn diariamente são abaixo de 30%, a turma PF tem um destaque para 54%. Que leitores e leitoras serão daqui alguns anos ao terminarem a graduação? Qual a “bagagem” teórica que terão do curso de graduação? Esta é uma forte inquietação que não pode deixar de ser mencionada.

O segundo aspecto relevante, refere-se ao contato que esses indivíduos têm com diversos materiais. Diariamente lêem sinais de trânsito, propaganda, entre outros e de acordo com Ferreira (2003), acredita-se que as pessoas lêem sim mais até do que se supõe, contrapondo-se a idéia acima levantada, mas esta leitura realizada pelos indivíduos não é aquela considerada relevante pelo discurso pedagógico ou que a tradição letrada considere importante, assim não podemos nos esquecer que diariamente os indivíduos tem contato com muitos materiais e a interação acontece.

Mesmo porque não podemos nos esquecer que estas pessoas são privilegiadas por estudar em uma Universidade com uma infinidade de recursos, terão oportunidades de utilizá-los como: bibliotecas, salas de informática entre outros, e a leitura será um requisito importantíssimo para que a interação ocorra.

Além disso, outra consideração relevante para ser refletida é a questão dos contextos sociais, indicados pelos sujeitos, que influenciaram em sua formação. Indicaram a escola e a biblioteca, para Pd os indivíduos freqüentavam estes espaços por prazer e por obrigação considerando muito esta influência. Para Pn os sujeitos indicaram como muito a influência destes contextos em sua formação, e o motivo para freqüentar os mesmos era a obrigação. Para PF o mesmo destaque é dado à estes contextos, sendo o motivo prazer que ganha destaque e continuam considerando muito esta influência.

Deste modo pode-se trazer para as considerações os contextos que influenciaram na formação dos sujeitos e qual o motivo de freqüentar os mesmos, como já mencionado na análise dos dados, a biblioteca que é uma local historicamente constituído, onde não só tem o papel de guardar como disseminar o conhecimento, não podemos nos esquecer que o indivíduos da turma Pd indicaram o motivo prazer ao freqüentar a mesma. Será que isso ocorre pelo fato de diferentemente da escola, que após a leitura havia uma cobrança como

anteriormente discutido? Ou ainda, o professor na escola como o único informante de leitura? Na biblioteca não podemos nos esquecer que os indivíduos tem o livre arbítrio tanto para a escolha do que se ler, com quem conversar ou ainda como ler.

O contexto escola, vem atrelado as questões de que não há escola sem livros ou leitura, no entanto, como é realizada e incentivada a mesma é motivo para uma reflexão que este trabalho não dará conta de se aprofundar. A contribuição de Silva (1986), que compreende a escola, ou melhor o elemento leitura na escola destinada à formação e a informação, explora a contradição, se a leitura é fundamental para a formação do ser humano, por que então a aversão pela mesma e, explica que devemos ficar muito atentos quanto a este motivo, a reprodução das estruturas de dominação. Quando o método de leitura é utilizado como cobrança, o professor como único informante não estimula a leitura com qualidade e quantidade, pois esta pesquisa constatou também, que a eventualidade com que os sujeitos lêem atualmente é predominante, apesar de serem graduandos.

Assim, o fato de percebermos conflitos dentro deste contexto social, onde a maioria dos indivíduos entrevistados praticavam a leitura de forma eventual, notamos também que foram raras as vezes que os indivíduos disseram que tinham a leitura como um ato prazeroso. Por conseguinte, destacou-se o grupo PF que tinham a leitura como ato prazeroso e, coincidentemente ou não era o grupo que possuía uma maior frequência de leitura, inclusive a de livros, diariamente citada acima de 54%, de forma mais complexa não se limitando apenas a leituras do cotidiano (placas, outdoor, sinais de trânsito, etc.), abrangendo no seu perfil de leitor materiais como livros de literatura, jornais, revistas, etc. Contudo evidenciou-se que este grupo era minoria em relação aos demais, o que pode sugerir que ainda temos a leitura como um importante instrumento de dominação social, pois persiste nesta sociedade que se intitula da informação, percentual significativo de indivíduos distantes deste processo e característica de leitores. Seja por motivos de tempo insuficiente para se dedicarem á prática da leitura ou até mesmo a importância que estes indivíduos dão a esta prática.

De acordo com Freire (1984), não poderíamos deixar de referenciar-se nas considerações sua contribuição quando explícita de forma tão clara como os contextos de sua infância, adolescência, foram importantes na sua constituição como leitor, referenciando-se a esta pesquisa que constatou que na turma Pd 53% atribuíram a

influência de leitura na infância aos professores e a familiares, para Pn 60% destinada a influência da família e PF 35% familiares e professores, pode-se inferir que para estes indivíduos os familiares e professores em sua infância destinaram uma carga de incentivo em sua caminhada , ou seja, foram informantes de leitura que não foram esquecidos com o tempo pois como adultos lembraram de indicar os mesmos.

Um ponto importante e que talvez tenha sido uma falha desta pesquisa, uma inquietação, que o questionário apesar de tentar abranger uma grande variedade de materiais escritos e diversos gêneros, deveria conter mais perguntas dissertativas sobre o que gosta de ler e quanto lê, pois ao final deste trabalho percebo que talvez esta possibilidade do indivíduo escrever livremente poderia exemplificar melhor alguns questionamentos, como por que lê eventual, ou por que lê pouco diariamente com uma carga de leitura de um curso de Pedagogia. Seria um questionamento para ser amadurecido para próximos trabalhos.

Como fomentado acima, não trata-se de afirmar apenas estes aspectos como definitivos para uma resposta irrefutável, no entanto ilustra um pouco a caminhada de nossos indivíduos leitores participantes desta pesquisa e algumas sugestões na busca da compreensão de nosso tempo. Descobrimos através desta pesquisa o contato e as influências que estes sujeitos tiveram em sua caminhada de leitores, hoje cursam o primeiro ano de Pedagogia em uma Universidades das mais conceituadas do país, no entanto, indagamos os motivos para lerem da forma que lêem e como o fazem se por prazer, por informação, enfim como agregam e fazem uso social da leitura em seu cotidiano, percebemos os contextos que influenciam estes leitores, como a escola, os familiares, amigos dentre outros, e vimos o quanto as práticas de leitura e de escrita são compreendidas enquanto práticas que dependem do contexto e não podem ser isoladas, como objetos neutros e desconexos de nossa realidade, pois ela deve ser viva e vibrante para todo o ser social.

BIBLIOGRAFIA

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

CHARTIER R. **Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

_____.(org). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

EVARISTO, F. C. **A Criança e a Literatura Infantil na Escola**. (TCC) –UNICAMP – FE: 1998. Campinas, SP.

FAZENDA, I. (org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida.(org.) **Leitura: um cons/certo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1984

FOUCAMBERT, J.. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GERALDI, J. W.(org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste Editora Educativa, 1984.

JOSÉ, Elias.Leitura: prazer, saber e poder. Revista Leitura: Teoria & Prática, ano16, jun/1997 nº 29 pp. 69-75

LAJOLO, M.. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982

- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- MONTENEGRO, Maria do Socorro Moura. **Contribuições aos Estudos das Práticas de Leitura: Leitores a Bibliotecas da Guarapuava**. Tese de Mestrado Guarapuava PR, 1997.
- NUCCI, Eliane Porto Di. **Práticas de Letramento de Alunos do Ensino Médio: Um Estudo Descritivo**. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas, S.P.: Papyrus, 1986.
- SILVA, Ezequiel T. da. Leitura na sociedade e na escola. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, ano 16, jun/1996 nº 27
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUZA, Paulo Renato. *Tempo de Leitura - Vamos fazer do Brasil um país de leitores de*. *Jornal Correio Popular* 18/04/2002 - Campinas, S.P.
- VARGAS, Suzana. Rodas de Leitura: o que são, de onde vieram, para onde vão? *Revista Leitura: Teoria & Prática*, ano 16, jun/1997 nº 29 pp.30-35
- RUMMEL, Francis J. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação**. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

ANEXO

QUESTIONÁRIO
ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR E O SEU CONTEXTO SOCIAL

Nome: _____
 Idade: _____ anos Sexo: F M
 Você trabalha? : Sim Não Qual sua profissão? _____

Assinale com que frequência você lê os itens abaixo, utilize a legenda:

D – diária S – semanal Q – quinzenal M - mensal E - eventual

1.) Qual a sua frequência de leitura para os itens abaixo?

Livros	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Jornais	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Revistas	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Contas do lar	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Lista telefônica	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Receitas culinárias	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Manuais	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Textos religiosos	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Cartaz de propaganda	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Sinais de trânsito	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Bula de remédios	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Bilhetes	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Cartas	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Anotações em agendas	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Formulários	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E
Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> Q	<input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> E

2.) O que você mais costuma ler no jornal? Assinale sua resposta com um X.

noticiário local	noticiário nacional	noticiário nacional
artes e espetáculos	economia	quadrinhos
horóscopos	classificados	esportes
não tenho o hábito de ler jornal		

Qual o motivo da leitura? Assinale sua resposta com um X.

leio por prazer	leio por curiosidade
necessidade de informação	leio por obrigação

3.) Quais os tipos de revistas que você costuma ler?

de informação (Veja, Isto É, Época)
 especializada (culinária, saúde)
 feminina (Cláudia, Criativa)
 erótica (Playboy, Sexy)
 humor (Bundas, Mad)
 de esporte (Placar, Lance)
 científica (Exame, Superinteressante)
 gibis (Turma da Mônica, Disney)
 outros. Quais: _____

Qual o motivo da leitura? Assinale sua resposta com um X.

leio por prazer	leio por curiosidade
necessidade de informação	leio por obrigação

4.) Quais os tipos de livros que você costuma ler?

best-seller (muito vendidos)
 romance de bancas de jornal
 livro de ficção científica
 romance policial
 literatura
 livro de poesia
 livro de auto-ajuda
 livros didáticos
 livros técnicos
 biografias
 outros. Quais: _____

Qual o motivo da leitura? Assinale sua resposta com um X.

leio por prazer	leio por curiosidade
necessidade de informação	leio por obrigação

5.) Na infância, que pessoas liam histórias para você?

mãe
 pai
 avós
 irmãos
 professores (as)
 amigo (a)
 outros. Quais: _____

Com que frequência isto ocorria?

Diária Semanal Quinzenal Mensal Eventualmente

6.) Com que frequência você tinha contato com livros na sua infância?

Diária Semanal Quinzenal Mensal Eventualmente

7.) Que outros tipos de materiais escritos você tinha contato?

gibis

folhetos

revistas

palavras cruzadas

outros. Quais: _____

Com que frequência os lia?

Diária Semanal Quinzenal Mensal Eventualmente

8.) Havia alguma cobrança, após a leitura de textos e de livros dentro da sala de aula ou fora dela?

Sim Não

9.) Em sua casa com que tipos de materiais escritos você tinha contato e qual a frequência que você os lia. Escreva na parte indicada e utilize a legenda abaixo:

D – diária S – semanal Q – quinzenal M - mensal E - eventual

_____ D S Q M E

_____ D S Q M E

_____ D S Q M E

Você era incentivado a lê-los?

Sim Não

